



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Arqueologia

Vestuário de Africano/as e Afro-brasileiro/as no Rio de Janeiro, século XIX.
O estudo de fontes históricas a partir da perspectiva da materialidade.

Fernanda Miranda Sena de Sousa

Rio de Janeiro

2024

Fernanda Miranda Sena de Sousa

Vestuário de Africano/as e Afro-brasileiro/as no Rio de Janeiro, século XIX.

O estudo de fontes históricas a partir da perspectiva da materialidade.

Trabalho de conclusão de curso apresentada,
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Arqueologia pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Camilla Agostini

Rio de Janeiro

2024

Ficha elaborada pelo autor através do
Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica da Rede Sirius - UERJ

S725 Sousa, Fernanda Miranda Sena de.

Vestuário de africano/as e afro-brasileiro/as no Rio de Janeiro, século XIX.: O estudo de fontes históricas a partir da perspectiva da materialidade./ Fernanda Miranda Sena de Sousa. - 2024.
84 f.

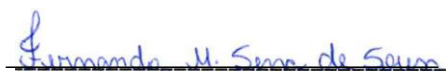
Orientador: Camilla Agostini. Monografia apresentada à Universidade do Estado do

Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para obtenção do grau de bacharel em Arqueologia.

1. Arqueologia - Monografias. 2. Diáspora africana - Monografias. 3. Vestimentas - Monografias. I. Agostini, Camilla. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 902/908

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.


Assinatura

19/12/2024
Data

Fernanda Miranda Sena de Sousa

**Vestuário de Africano/as e Afro-brasileiro/as no Rio de Janeiro, século XIX.
O estudo de fontes históricas a partir da perspectiva da materialidade.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Bacharel em Arqueologia pela
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Camilla Agostini

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof.^a Dr.^a Renata Figueiredo Moraes

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dr.^a Carina Martins Costa

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Rio de Janeiro

2024

Dedico esta monografia ao meu pai Milton Francisco de Sousa (in memoriam) que nunca mediu esforços para me educar. Este trabalho é resultado de seu trabalho incansável. À minha mãe Cristina Miranda Sena dos Anjos pelo suporte e apoio durante os momentos difíceis da minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às forças misteriosas do universo que de forma tão surpreendente me conduziram até o caminho da Arqueologia.

Agradeço a meus pais que fizeram tanto esforço para que eu pudesse ter acesso à educação que eles não puderam ter. Em especial, a minha mãe, pois sem sua parceria eu não conseguiria realizar esta monografia. Obrigada por ter sido meu suporte nesta jornada.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial à minha Tia Florinda dos Anjos por me receber em sua casa com tanto amor, carinho e cuidado para que eu pudesse estudar com mais conforto.

Agradeço à minha orientadora pela confiança, pelo incentivo e pela sua dedicação e paciência durante todo o processo de produção deste trabalho. Suas valiosas indicações, explicações e questionamentos enriqueceram imensuravelmente esta monografia.

Aos amigos que fiz na graduação, agradeço, especialmente, a Mariana Amaral, Ana Carolina Luscara, Leonardo Martins, Júlio Cezar Marins, Enrico Baggio e Elisa Pires. Obrigada pela ajuda nos estudos nas épocas caóticas de prova, nos empréstimos de anotações, pelos longos debates que auxiliaram no desenvolvimento de meu aprendizado e pela leveza que trouxeram ao difícil processo de formação. Aos meus amigos de R.I., Lara Martins, Caíque Bernardo e João Vítor Botelho, agradeço pelas risadas, pelas longas conversas e por permitir que eu experienciasse o amor preto que me sustentou nos momentos mais dolorosos ao longo da graduação.

Agradeço a minha amiga de infância Carolina Bispo por ouvir meus desabafos de exaustão e por me ajudar a despressurizar da pressão acadêmica. A minha amiga da faculdade de jornalismo, Dionne Soares, agradeço por me fazer olhar de forma mais profunda para as mazelas sociais.

Agradeço a Jeanne Crespo por me dar a oportunidade de trilhar com Arqueologia e por sua generosidade em me ensinar tão pacientemente sobre a preservação dos Bens Arqueológicos. Agradeço aos amigos que fiz no trabalho Paula Andrea Silva, Letícia Acioly, Taianne Neco, Thiago Moraes e Thiago Soares pelo incentivo e auxílio que me deram durante a produção deste trabalho.

RESUMO

SOUSA, Fernanda Miranda Sena de. Vestuário dos Africanos e Afro-brasileiros no século XIX. O estudo das fontes históricas a partir da perspectiva da materialidade. 2024. 84 f. Monografia (Bacharel em Arqueologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho trata-se do estudo da vestimenta de Africanos/as e Afro-brasileiros/as, com ênfase no Rio de Janeiro, no século XIX a partir de mapeamento de fontes históricas, observando-as a partir do olhar arqueológico, através da aproximação das abordagens pós-processualista da arqueologia, da micro história italiana e da história social inglesa. Por meio do estudo das miudezas representadas nas fontes, buscou-se verificar as escolhas feitas por africanos/as e afro-brasileiros/as na construção de sua pele social. Desta forma, foi feito o levantamento de quatro tipos de fonte históricas: pinturas, anúncios de jornais, fotografia e processos criminais. Deste levantamento, foram selecionados exemplos de cada uma das fontes, avaliando o potencial interpretativo do vestuário, que, futuramente, possa ser cruzado com fontes arqueológicas procedentes de escavações e coleta contextualizadas. Assim, foram feitas ponderações quanto às informações obtidas nas fontes, e apontados os dados considerados úteis para pesquisas arqueológicas. Neste sentido, a partir das considerações feitas, foram identificadas vestimentas mais comuns direcionadas a parcela da população africana e afro-brasileira escravizada; foram observadas variações das roupas de “negras de ganho”; a ocorrência de objetos de estética africana ou europeia; bem como a relações entre as vestimentas e as relações sociais. Todas essas reflexões foram feitas considerando se o registro ocorreu em contexto rural ou urbano.

Palavras-chave: Africanos, Afro-brasileiros, Vestuário, Século XIX.

ABSTRACT

This work deals with the study of the clothing of Africans and Afro-Brazilians, with emphasis on Rio de Janeiro, in the 19th century, based on the mapping of historical sources, observing them from an archaeological perspective, through the approximation of post-processualist approaches to archaeology to Italian microhistory and English social history. Through the study of the details represented in the sources, we sought to verify the choices made by Africans and Afro-Brazilians in the construction of their social skin. Thus, a survey of 4 types of historical sources was carried out: paintings, newspaper advertisements, photographs, and criminal proceedings. From this survey, examples were selected from each of the sources with information with interpretative potential on clothing, which, in the future, can be cross-referenced with historical sources. Thus, considerations were made regarding the information obtained from the sources, and the observed data considered useful for archaeological research were pointed out. In this sense, based on the considerations made, the most common types of clothing aimed at the enslaved African and Afro-Brazilian population were identified, variations in the clothing of “black peddlers” and the occurrence of objects with African or European aesthetics were observed, as well as the relationships between clothing and social relations. All these reflections were made considering whether the recording occurred in a rural or urban environment.

Keywords: Africans, Afro-Brazilians, Clothing, 19th century.

LISTA DE IMAGENS

Figuras

Figura 1 - Casamento de negros de uma casa rica, 1839	21
Figura 2 - Velho convalescente / Diversos cortejos fúnebres.....	23
Figura 3 - O colar de ferro, 1839	22
Figura 4 - Preta de Ballas, 1840	24
Figura 5 - Quitandeira, 1840	27

Anúncio

Figura 5 - Anúncio de venda de roupas para escravos, 1870	32
---	----

Fotografias

Figura 6 - Escrava Vendedora de Frutas, 1865	37
Figura 7 - Escrava da Nação Africana Mina, 1865	38
Figura 8 - Retrato de Escrava, 1865	40
Figura 9 - Escrava Vendedora de Frutas, 1865	41
Figura 10: Escrava Vendedora Ambulante, 1865	43
Figura 11: Escravo Confeccionando um Cesto, 1865	44
Figura 12: Dois Escravos se Cumprimentando, 1865	45

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
1. O ESTUDO DE GRUPOS SUBALTERNIZADOS NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA	13
1.1 Arqueologia da diáspora africana no Brasil.....	14
1.2 Pós-processualismo como caminho teórico para a identificação de expressões de individualidade na arqueologia histórica	15
2. METODOLOGIA	19
3. FONTES HISTÓRICAS PARA O ESTUDO DA VESTIMENTA NA ARQUEOLOGIA	26
3.1 O olhar de um francês sobre o novo mundo.....	26
3.2 Uma percepção brasileira.....	34
3.3 Entre panos e anúncios de jornal	39
3.4 Vestidos para as lentes	43
3.4 Processos criminais.....	54
3.4.1 Composição da população africana e afro-brasileira em vassouras no século XIX	55
3.4.2 Processos criminais como possibilidade de estudo sobre vestimenta dos africanos e afro-brasileiros	57
4. QUANTIFICAÇÃO E TRIAGEM DE INFORMAÇÕES.....	60
4.1 Tabela de informações	61
4.2 Índice temático	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
REFERÊNCIAS DAS ICONOGRAFIAS.....	75
PERIÓDICO	77
ANEXO 1.....	78
ANEXO 2.....	82

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As fontes tradicionalmente reconhecidas como históricas (jornais, processos criminais, fotografias, pinturas, entre outras) são importantes meios para a obtenção de informação antes e após escavação em pesquisas arqueológicas em contextos históricos. Servem como ferramentas norteadoras para compreender a distribuição de estruturas arquitetônicas e o processo ocupacional do sítio onde ocorrerá a etapa de campo. Fornecem, também, informações preciosas no tocante à conjuntura histórica e contexto de ocupação para análise e interpretação dos vestígios arqueológicos encontrados. O conteúdo desses registros fornece particular auxílio no âmbito da investigação de vestimentas e adorno, uma vez que comentam sobre roupas, tecidos, brincos, pulseiras etc., os quais frequentemente não se preservam, ou deles temos apenas pequenas evidências, tais como sapatos, botões, joias, contas e patuás. Muitos desses objetos não costumam ser descartados por seus usuários, reduzindo ainda mais sua recorrência nos sítios arqueológicos.

No entanto, por meio da observação de miudezas busca-se exercitar uma aproximação das questões que permeavam a vivência de africano/as e afro-brasileiro/as no Brasil, a partir da perspectiva do saber-fazer arqueológico, que tem como fundamento o olhar para grupos sociais através de uma dimensão material de suas experiências no cotidiano. Identificar a materialidade em outros tipos de fontes pode auxiliar a preencher lacunas deixadas pela relativa baixa visibilidade dessa materialidade nos registros arqueológicos precedentes de escavações (Symanski e Souza, 2007). Symanski e Souza (2007) lembram que os vestígios deixados pelos cativos estão disponíveis, dependendo da capacidade de diagnosticar as evidências, no sentido em que a materialidade silenciada pode ser detectada com o refinamento da metodologia – seja em vestígios recuperados com escavações arqueológicas, seja vestígios materiais em superfície.

Outro caminho para acessar estes artefatos são as fontes reconhecidas tradicionalmente como históricas, como iconografias e fontes escritas, ou seja, que nos permitem abordar essas materialidades de maneira indireta. A proposta é levar o olhar arqueológico sobre essas fontes históricas, como uma forma de retirar do silêncio experiências, por menores que sejam, a partir de detalhes, indícios, fragmentos, fios e rastros de atividades cotidianas (Ginzburg, 2007), aproximando uma abordagem pós-processualista da arqueologia a micro-história italiana e a história social inglesa (Beaudry, 2008; Ginzburg, 2007; Thompson, 1998; Feyerabend, 1977; Japiassú, 1976). O método de análise em escala reduzida, no estudo da

micro-história, observa os pequenos acontecimentos e preenche as lacunas das fontes com a costura de indícios contextualmente associados, fazendo o exercício de relacioná-los a questões de ordem estruturais, ou mesmo de longa duração. Um repertório possível para cada contexto contribui para o desenvolvimento de narrativas a partir de pequenas coisas do cotidiano, fragmentadas e indiciárias. O interesse, também, é pelo diálogo com a abordagem social sobre essas experiências que são tecidas no costume e no cotidiano. Na arqueologia, Agostini (2013), Loredana Ribeiro (2012), Mary Beaudry (2008) e Brooks & Decorse (2008), desenvolveram trabalhos que dialogam com essas abordagens históricas, sugerindo possibilidades.

O conceito de “negro/a” utilizado neste trabalho refere-se a todos os homens e mulheres africanos e afro-brasileiros identificados nas fontes. O conceito tem significado que parte de um interesse do presente, em identificar a experiência de pessoas com corpos de pele escura e fenótipos associados a população “negra” no Brasil, em condições sociais diferentes no contexto escravocrata, tais como pessoas escravizadas, livres ou libertas. Até metade do século XIX, de acordo com Mattos (2013), a partir de análise de processos criminais, as especificações “negro” e “preto” eram designadas à condição de escravidão, as exceções vinham acompanhadas da especificação “forro”. Quanto a condição de liberdade, estava atrelada a “brancos” e “pardos livres”, os quais só perdem a força como indicadores de *status* social a partir da segunda metade do século (Mattos, 2013).

Pela massiva presença demográfica de africanos no Brasil no século XIX, entende-se a forte influência de culturas africanas na sociedade brasileira neste período. Essa presença pode ser observada pelo comércio que ofertava objetos com estética africanizada e/ou direcionado aos gostos e interesses de africanas/os e afro-brasileira/os. O caso do Engenho de São Joaquim, em Goiás, exemplifica um episódio de comercialização de peças com elementos decorativos associados a ícones importantes para africanos na venda do engenho. O que permite pensar, ao mesmo tempo, na disponibilidade desses objetos para pessoas vivendo sob o jugo da escravidão, bem como a possibilidade de fiscalização do senhor sobre o que seria comercializado (Souza, 2013). Outro caso foi em São Sebastião, litoral norte de São Paulo, em que produtoras de panelas de barro produziam peças decoradas também com ícones passíveis de serem associados ao interesse estético de pessoas vindas da África Central (Agostini, 2010). Diante desses casos, compreende-se que as pessoas escravizadas não eram só influenciadas pela sociedade, como também a influenciavam, fosse por sua presença estética massiva, fosse por dinamizar um comércio de miudezas próprio.

A partir do estudo da Arqueologia de Diáspora Africana, arqueólogos como Agostini (2007), Singleton (1996), Symanski (2007) e Souza (2013), abordam como este grupo subordinado traçou uma série de táticas para burlar as limitações impostas quanto a posse de objetos pessoais. Assim, pode-se perceber que ao passo em que o sistema escravista criava métodos de domínio, os escravizados encontravam meios para resistir a este sistema (Symanski, 2007). Dentre as alternativas utilizadas, as roupas representam uma das materialidades escolhidas para tal finalidade. A Doutora em História Social da Cultura Patricia March de Souza (2011), aborda em sua tese o papel das vestimentas como manifestação de individualidade e coletividade no seguinte trecho:

O cotidiano dos escravos excederia ao comportamento limitado e antinômico de conformismo e resistência, de coisificação e rebeldia, existindo um espaço, “entre Zumbi e Pai João”,¹² onde eram desenvolvidas ações e práticas na busca de existência social para além de sua caracterização como mão-de-obra servil sem vontade própria. Portanto, o cotidiano dos escravos envolveria assimilações, manipulações e trocas culturais, entre as quais, o valor de uso da roupa seria mais do que apenas mercadoria - bem de consumo -. A roupa seria uma das formas possíveis de manifestação material individual e coletiva de homens e mulheres submetidos à escravidão (SOUZA, 2011, p. 185-186).

A capital possuía variadas funções laborais, maior densidade de pessoas originárias de diferentes lugares, bem como variada oferta de mercadorias diversificadas, quando comparada ao ambiente rural. Apesar disto, trabalhos como o de Agostini (2019) mostram um terreno fértil a ser desbravado quando em contextos rurais, proporcionando a observação de casos que mostram o mundo íntimo e relações interpessoais no cotidiano, seja através de relatos em processos criminais, seja pelo estudo da configuração da paisagem social nesses contextos rurais.

O estudo de roupas e adornos utilizados por africano/as e afro-brasileiro/as vai além do registro da materialidade como um objeto marcador de uma época, registram também as escolhas estéticas feitas pelas pessoas deste grupo. Poderiam mostrar, ainda, a luta pela preservação de práticas culturais, bem como a escolha por utilizar adereços ou roupas de estética europeia. Isto aponta para a agência dessas pessoas, demonstrando que construíam sua própria narrativa, impressa no cotidiano e na composição de seus corpos sociais, visto que as escolhas são fontes de comunicação de mensagens de forma não verbal (Beaudry, Cook, Mrozowski, 2007).

Dessa forma, o presente trabalho busca fazer um levantamento de fontes históricas e seu potencial interpretativo que possa ser cruzado futuramente com fontes arqueológicas (tais como sapatos, botões, entre outros elementos de vestuário, além de adereços, procedentes de escavações arqueológicas), bem como exercitar um olhar para fontes históricas a partir de uma perspectiva Arqueológica. Portanto, o exercício nesse trabalho sugere um estudo que auxilie tanto futuras pesquisas decorrentes de escavação, a partir do refinamento do olhar para as possibilidades de interpretação dos refugos, quanto para levar o olhar arqueológico para domínios empíricos que estão além dos fragmentos coletados nas escavações.

1. O ESTUDO DE GRUPOS SUBALTERNIZADOS NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

O conhecimento acerca da formação da sociedade brasileira por muitos anos foi pautado no discurso da classe dominante da época, por serem eles os detentores do discurso relatado através dos documentos históricos, ainda que a historiografia tenha encontrado meios para abordar “histórias vistas de baixo”. No entanto, com o desenvolvimento da Arqueologia Histórica, a partir da análise do contexto e de objetos encontrados em sítios arqueológicos, foram colocados às luzes vestígios diretos deixados por pessoas que tiveram suas histórias apagadas (Beaudry, Cook, Mrozowski, 2007). Ainda nos anos 1990, novos ares sopraram sobre a disciplina arqueológica no contexto brasileiro; aventou-se a possibilidade de contestar os registros e potencializar a narrativa partindo do ponto de vista de todos aqueles que não participaram por meio escrito dos registros históricos conhecidos até então:

[...] minorias étnicas e a segmentos subalternos, oprimidos, desfavorecidos, ou marginais, que não puderam registrar sua própria história; recuperar memórias sociais, reinterpretar a História Oficial, resgatar elementos e práticas da vida cotidiana, sobre os quais normalmente não se escreve, e assim por diante. Campos de batalha, quilombos, simples unidades domésticas, becos urbanos, quintais, caminhos, povoados, fazendas, senzalas, tecnologias de processamento de determinados materiais, entre outros, passaram a ser valorizados como objetos de investigação (Andrade, 1993, p. 228).

Observar os vestígios materiais dos grupos acima mencionados viabiliza a compreensão de maneiras, ainda pouco discutidas, de sua participação na sociedade de outrora. Além disso, permite visualizar o impacto desta sociedade e os produtos nela comercializados, sobre o gosto e escolha dos componentes deste grupo subalterno, bem como o impacto desses indivíduos sobre os produtos comercializados naquela sociedade. Renata Sá (2021) mapeou as produções de arqueologia brasileira sobre a participação de mulheres negras nas relações comerciais no Brasil, observando que essas mulheres consumiam todo o tipo de produtos possíveis de serem comprados por elas, inclusive adornos e indumentárias. Esse trabalho pretende dialogar com a contribuição da autora.

Ainda que a História Social, a Micro História e os Estudos Subalternos tenham se engajado com essa mesma preocupação, o olhar para materialidades e miudezas do cotidiano têm sido muito pontual (e.g. Slenes, 1999; Lara, 2000). Como contribuição ao campo da disciplina arqueológica, a questão que se propõe é pensar o quanto o olhar arqueológico

possibilita uma leitura própria sobre essas materialidades encontradas em fontes convencionalmente consideradas históricas (Paul Feyrabend, 1977; 2011).

No terreno da Arqueologia da Diáspora Africana, a utilização e aquisição de artefatos são abordados por Souza (2013) em texto compilatório no qual expõe pesquisas sobre diversas materialidades adquiridas, confeccionadas e reinterpretadas por escravizados no meio urbano e rural, sugerindo caminhos desse olhar arqueológico para as coisas. Salienta-se, que em alguns espaços a obtenção de determinados itens não era proibida pelos senhores. Esses casos interessam particularmente nesse estudo, pois ajudam a pensar as dinâmicas entre os diferentes atores, ao ponto em que o proprietário de escravos aplicava sobre eles dois mecanismos diferentes, simultaneamente, com a mesma finalidade de dominação: padronizava-os como escravizados e os dividiam através de ações como permissão para manifestações religiosas (irmandades de pretos) e compra de objetos com símbolos africanos, ressaltando suas diferenças e particularidades culturais. Além disso, é importante compreender as estratégias por trás dessa permissividade, que passam desde a tentativa de diminuir o descontentamento e pressão da vida sob o jugo da escravidão, até a manutenção da divisão em grupos dos indivíduos, com base em referenciais étnicos e religiosos (Reis e Silva, 1989).

Frente às questões acima descritas, compreende-se que a Arqueologia da Diáspora Africana é um campo frutífero para novas conjecturas acerca da história da sociedade brasileira no período e histórico, a qual influenciou na configuração, costumes e manifestações culturais posteriores a este período.

1.1 ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA NO BRASIL

De acordo com o Slave Voyages, entre o século XVI e meados do século XIX, desembarcaram no Brasil por volta de 4.821.126 milhões de africanos e africanas. Este expressivo quantitativo de indivíduos traficados fez parte da construção da identidade brasileira. Com o passar dos séculos, o tráfico de africanos para o Brasil foi se especializando e tornando-se particularmente interessado nas diferenças “étnicas” dessas pessoas no século XIX (Karasch, 2010), parte da política para se conhecer melhor as pessoas que seriam compradas, bem como para estimular suas diferenças, tal como mencionado anteriormente. Diante deste cenário, tornou-se imprescindível a compreensão pormenorizada de quem eram

essas pessoas e quais os costumes, crenças e conhecimentos trazidos e mantidos com eles, bem como os sistemas de disseminação destas manifestações (Symanski, 2012).

Na Arqueologia, o campo de estudo da Diáspora Africana vem crescendo através dos anos, alcançando nos tempos atuais um espaço que há poucas décadas não possuía (Souza, 2013). Dessa forma, mesmo com imensa gama de materialidades relacionadas a esse grupo (Symanski, 2014), os pesquisadores, por vezes, quando investigam os vestígios, se deparam com uma perspectiva dicotômica entre dominante e subjugado. Sabe-se, atualmente, que esta relação pode assumir diversas características e formatos, de modo que a sua compreensão também auxilia no entendimento sobre como os itens foram angariados, e se obtê-los contrariava a imposição estabelecida, podendo demarcar uma manifestação de resistência ou outras formas de definir essa relação de poder e formas de existir, a partir de uma perspectiva mais complexa da composição da sociedade.

Este segmento da arqueologia mostra-se multifacetado ao ponto que esbarra em diversas outras áreas, como: Arqueologia do capitalismo (Guimarães, Morais e Ladeia, 2013; Leone, 2021), Arqueologia da repressão e resistência (Funari, 1992; Zarankin) e Arqueologia de Gênero (Ribeiro, 2017; Sá, 2021). Diante das abundantes perspectivas de pesquisa para esta área de conhecimento, o presente texto propõe abordar através de fontes históricas as possibilidades de interpretação das vestimentas de negros, objetivando demonstrar o potencial destes documentos para compreensão dos traços de individualidade dos sujeitos, considerando o contexto espacial e econômico no cotidiano da experiência de africano/as e afro-brasileiro/as no escravismo brasileiro do século XIX. A abordagem não será tão aprofundada e abrangente, pois se trata de um levantamento de possibilidades de pesquisa. O principal foco será para fontes sobre antiga província do Rio de Janeiro no século XIX, considerando separadamente contextos urbanos e rurais.

1.2 PÓS-PROCESSUALISMO COMO CAMINHO TEÓRICO PARA A IDENTIFICAÇÃO DE EXPRESSÕES DE INDIVIDUALIDADE NA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Com forte ligação com a Antropologia e com a proposta de sistematizar os processos de formação sociais e naturais, a Arqueologia processualista passou por um período de crescente adoção de suas ideias em pesquisas arqueológicas, especialmente nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970 (Di Baco, Faccio, Luz, 2009). Em oposição às suas

ideias generalista, surge, na década de 1980, a Arqueologia pós-processualista lançando o olhar para a subjetividade dos indivíduos dentro das diversas dinâmicas sociais, o que, considerando as características do período estudado na Arqueologia histórica, apresenta-se como uma pertinente ferramenta teórica para esta área da Arqueologia. Como se pode compreender com os apontamentos de Lima (2002, p. 9-10): “Consciente da complexidade das relações sociais, o movimento pós-processual partiu para o estudo da dinâmica interna das sociedades, das relações de poder, dos conflitos de classe e de gênero dentro de contexto histórico específico”.

Assim, o pós-processualismo propõe, a partir da observação da cultura material, a possibilidade de interpretações de seus significados a partir das experiências sociais dos indivíduos. Não obstante, torna-se oportuno o desenvolvimento de nova visão acerca da interação entre os sujeitos e os objetos. De tal forma, avaliando os casos com um olhar voltado ao tratamento da experiência dos indivíduos, e considerando o contexto social em que estão inseridos, percebe-se que objetos similares podem receber diferentes significados e funções de acordo com quem o maneja e com o contexto no qual esta pessoa se encontrava.

Com a criação de novas modalidades de dominação ao longo do tempo pelos detentores das ferramentas de controle, as pessoas negras submetidas à escravidão, acabavam por refinar suas táticas de resistência a fim de burlar esse sistema de acordo com suas escolhas dentro das oportunidades possíveis (Symanski 2007) e, dentro da divisão promovida pelos senhores, utilizando as relações firmadas a partir do grupo formado e da adoção de indumentárias em função das práticas adotada.

Compreendendo as influências do meio, é possível perceber escolhas particulares, visto que, dentro dos limites de espaço para cada escolha, poderia selecionar qual influência ensejava aderir a sua vida externa (vida pública) e interna (vida privada) (Beaudry, Cook, Mrozowski, 2007). Isto rompe com a ideia comum de que essas pessoas em escravidão não tinham nenhum poder de escolha e barganha, e que formavam uma grande massa com vivências idênticas, sem histórias próprias. E, por outro lado, permite uma aproximação às suas próprias maneiras de definir as diferenças entre os grupos de pessoas escravizadas.

A quebra de pensamento abre espaço para a identificação da relação entre humano e objeto, e sobre como o segundo poderia representar a expressão do “Eu”, tornando-se parte de sua personalidade e extensão de seu corpo, como acontece nas ocorrências em que uma pessoa era reconhecida por um de seus pertences. Tal relação pode ser observada em relatos

de testemunhas, réus e vítimas em processos criminais: Agostinho, um africano de nação Moçambique, quando perguntado se sabia se o réu, o escravo Valentim, era o criminoso no caso de um processo de homicídio que aconteceu na região de *plantation* de Vassouras, em 1850, respondeu que “por ter sido achado perto do cadáver a bainha da faca e o cachimbo pertencente a Valentim”. Essa identificação do suposto criminoso por coisas que eram dele e reconhecidas como dele, ou seja, que identificavam sua pessoa, também aparece no relato de Augusto, de nação Mina, no mesmo processo:

Augusto (Nação Mina): Perguntado se sabe que junto ao cadáver fora encontrado um cinto e um cachimbo, e que seu parceiro Adão, tendo o vício de pitar, e possuindo cachimbo, no dia seguinte ao da morte do feitor, apresentava-se com um novo, não tendo em si aquele em que anteriormente pitava, respondeu que sabe por lhe haver dito Adão, que junto ao cadáver do feitor, fora achado um pito; sabendo mais que Adão tem o vício de pitar e que tinha um cachimbo de seu uso; e que quando no dia seguinte ao da morte do feitor, a autoridade exigiu de Adão apresentar-lhe cachimbo, este apresentou um novo; isto sabendo por lhe haver dito o mesmo Adão (Agostini, 2019 p. 115 apud PC 066, 1866, p.12 (vass 03)).

Assim, a escolha de roupas e adereços possuíam também o papel de comunicar tanto a posição ocupada na sociedade, quanto o pertencimento a um grupo étnico. É necessário lembrar que, no caso dos indivíduos escravizados, mesmo a limitação das escolhas em decorrência da condição imposta a eles, não os impediam de existir e de ser. Essas pessoas, resistiam às tentativas da sociedade escravista de sufocar a humanidade e a individualidade, bem como a força de laços entre grupos de pertencimento, de afeto e de luta.

No estado do Rio de Janeiro foram desenvolvidas pesquisas sobre vestimentas e adereços tanto em espaço rural quanto urbano, pela arqueologia brasileira. Um exemplo é a dissertação de Isabela Cristina Suguimatsu (2016) no Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes, em que a autora analisou as vestimentas e adornos dos cativos, usados como forma de construir a identidade e demarcar fronteiras identitárias no século XIX. No trabalho de Suguimatsu, percebe-se um vasto uso das fontes históricas, e de como estes documentos podem auxiliar na avaliação deste material, junto a itens arqueológicos com maior potencial de preservação, como os botões.

Em ambiente urbano, Lima, Souza e Sene (2014), interpretam o uso do anel de piaçava como um componente empregado por escravizados. Na publicação, abordam a construção de

uma “segunda pele” (uma pele social), bem como a utilização dos objetos como amuleto, demarcador étnico e objeto de resistência.

Nesse sentido, em vista da proposta do pós-processualismo de observar as possibilidades de interpretações e inferir significados a partir das experiências sociais dos indivíduos, entende-se esta abordagem como uma base teórica conveniente à linha de investigação sugerida neste trabalho, uma vez que para compreender as vestimentas e adornos utilizados pelas pessoas negras, é necessário considerar o contexto social em que os atores estavam inseridos.

Definir os possíveis espaços de circulação dos indivíduos junto à análise dos lugares nos quais os registros aparecem regularmente mostra-se fundamental para a construção do significado dos objetos (Alarcão, 1997), tal como o olhar arqueológico ensina. Compreender a movimentação dessas pessoas entre os ambientes e identificar o que e onde as peças aparecem e ou estão ausentes, auxilia na triagem dos artefatos ligados a esses espaços, como também o que era pessoal, quando se relacionava a função laboral, e, ainda, qual a relação e limite entre essas duas áreas; quando um objeto deixava de ser exclusivamente de uso laboral e tornava-se parte da construção e identificação daquele sujeito, em diálogo com o mundo que o cercava.

Identificar se residia em área rural ou urbana, se era de ganho ou não, se era cativo, e a que tipo de proprietários estava relacionado, se realizava trabalhos no interior da casa grande ou não, são formas para uma aproximação ao contexto. Para realizar esta análise, as fontes históricas exemplificadas neste trabalho, serão apresentadas como possíveis ferramentas para o levantamento dessas informações, empregando sobre elas um olhar arqueológico pós-processual a fim de observar possíveis pistas de usos e significados empregados, e considerando os distintos contextos (Feyerabend, 1977; Japiassú, 1976).

2. METODOLOGIA

Optou-se por recorrer às fontes históricas como forma de observar as vestimentas e adereços utilizados por pessoas escravizadas em contextos fluminenses do século XIX, rurais e urbanos, que fornecem não só uma visão de expressões estéticas da época, como também aspectos de divisão social, função laboral, pertencimento de grupo e escolhas pessoais. No entanto, é importante identificar os filtros que documentos como anúncios de jornais, pinturas, fotografias e processos criminais possuem para que possamos abordar os aspectos de interesse na pesquisa.

Em consideração as inúmeras ofertas de documentos que poderiam ser abordados neste trabalho, bem como o objetivo central de apontar o potencial das fontes históricas para a análise das indumentárias, os critérios utilizados para a escolha do material foram: 1) disponibilidade de acesso online; 2) documentos que permitissem observar cenas cotidianas com interações sociais; 3) documentos que fornecessem informações sobre tecidos e; 4) documentos que permitissem aproximação sobre as escolhas pessoais de trajes e adereços utilizados pela população africana e afro-brasileira na província do Rio de Janeiro, século XIX.

Assim, as fontes escolhidas foram:

- 1) pinturas de viajante naturalista acompanhadas de relato escrito;
- 2) pinturas de autor brasileiro;
- 3) anúncios de jornais;
- 4) processos criminais; e
- 5) fotografias.

As pinturas de viajante naturalista selecionadas foram de Debret, retiradas do Acervo Biblioteca Nacional, disponível em *Brasiliana Iconográfica*¹, e os relatos reproduzidos foram encontrados no álbum “*Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*”, do mesmo autor, disponível na Biblioteca Digital Seade². As pinturas de autor brasileiros escolhidas foram as imagens de Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, da Coleção Brasilianas, Instituto Moreira Salles,

¹ <https://www.brasilianaiconografica.art.br/>

² Biblioteca Digital Seade:
https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/listarPublicacao.php?lista=0&opcao=5&busca=&tipoFiltro=pa.id_autor&filtro=599&descFiltro=DEBRET,%20Jean%20Baptiste

disponível em *Brasiliana Iconográfica*. Para tratar dos anúncios de jornais foi utilizado o livro *“Os escravos nos anúncios”* de Jornais de Gilberto Freyre; a tese de doutorado *“Indústria do vestuário e moda no Brasil, sec. XIX a 1960 - da cópia e adaptação à autonomização pelo simulacro”*, de Luís André do Prado; e a edição nº 92 *Jornal da Tarde* de 1870, localizado na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Os processos criminais foram retirados do trabalho *“Ouvi dizer de um vizinho”: Assim também se faz história*. Banco de dados sobre escravidão e análise de processos crimes – Vassouras / RJ, Século XIX”, de Camilla Agostini. Quanto as fotografias de José Christiano Júnior, foram retirados do site *Brasiliana Iconográfica* das quais compõe a Coleção Brasileiras do Instituto Moreira Salles.³

Cada tipo de fonte demanda estratégias de análise próprias, considerando seus conteúdos, autores, formas de produção e “armazenamento” (Beaudry, Cook, Mrozowski, 2007; Agostini, 2009). Assim, será levantado o potencial de pesquisa dessas fontes, avaliando as possibilidades de se abordar vestimentas e indumentárias que ajudavam a compor a segunda pele social de mulheres e homens pretos e pretas durante o escravismo oitocentista, na província do Rio de Janeiro, Brasil.

Esses documentos podem auxiliar no levantamento arqueológico em dois momentos, a primeira, anterior à ida ao trabalho de campo, como preparação para compreensão da conjuntura geral do local, das informações das estruturas locais e instituições daquele espaço, e assim compreendendo como a área na vida cotidiana no passado. A segunda forma com que esse levantamento pode ajudar o trabalho arqueológico, é como preparação para o processo de análise das miudezas encontradas em escavações ao ponto em que enriquece o conhecimento histórico favorecendo uma abordagem interpretativa desses vestígios.

Em consideração ao acima exposto, foram escolhidas duas pranchas do naturalista francês Jean Baptiste Debret, "Casamento de negros de uma casa rica" e "O colar de ferro", observadas comparativamente. A prancha "Casamento de negros de uma casa rica" foi escolhida por apresentar um grupo de pessoas negras com vestimentas variadas em um episódio de casamento, objetivando ter dimensão sobre como as pessoas escolhiam se apresentar em uma cerimônia religiosa. A prancha "O colar de ferro" foi escolhida por representar diversos personagens negros em interações cotidianas e em cenas de trabalho, das

³ <https://www.brasilianaiconografica.art.br/autores/19094/joaquim-lobes-de-barros-cabral-teive>

quais poderia inferir sobre a presença ou falta de componentes do vestuário, principalmente se compara a figura anterior. Diante das cenas em ocasiões diferentes, houve a comparação entre as pinturas a fim de observar como Debret escolhia ilustrar pessoas negras e os variados tipos de roupa.

Serão destacadas, também, em contrapartida, obras do pintor brasileiro Joaquim Teive, a fim de trazer uma referência da produção de um artista brasileiro, em comparação ao olhar estrangeiro, e para tal, foram escolhidas as imagens “Preta de Ballas” e “Quitandeira”. A primeira pintura, “Preta de Ballas”, foi selecionada por representar uma mulher negra em uma cena de trabalho utilizando uma vestimenta similares as utilizadas pelas camadas mais abastadas. Desta forma, objetivou-se verificar informações que pudessem auxiliar na compreensão da relação entre trabalho e vestimentas. A segunda pintura, possui importante contraste com a primeira, visto que também apresenta uma cena de trabalho, mas com veste mais simples, possibilitando identificação da variação de indumentárias das trabalhadoras de ganho.

É necessário recobrar que as pinturas da época eram recorrentemente coloridas a partir da técnica de aquarela, a qual utiliza de água como diluidor e amolecedor do pigmento, necessitando de camadas para criar intensidade de cor e sombreamento. Dessa forma, para a captura dos momentos ilustrados, entende-se a possibilidade que fossem feitos esboços e posteriormente a coloração em ambiente estável e preferencialmente horizontal, onde fosse possível dispor de tempo para secagem e construção de camadas. Esses fatores devem ser considerados quando analisadas as cores e detalhes em cena, atentando-se que, por depender da memória do autor, esses elementos podem não ser os originalmente utilizados pelos modelos, bem como o papel dos rascunhos e seus contextos nesse processo. Outro aspecto o qual alerta Mary Louise Pratt (1999) é a possibilidade de cópias e plágios, quando um artista nem sequer tenha presenciado uma cena, mas a reproduz a partir de esboço ou obra de outro artista.

Com os anúncios de jornais pretende-se fazer uma aproximação à visão da sociedade do que era direcionado as pessoas escravizadas, e a forma como utilizavam da descrição das peças dos indivíduos para caracterizá-los em anúncios de escravos fugidos. A Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional / RJ, possui um robusto banco de dados de periódicos do Rio de Janeiro no século XIX, e foi consultada para avaliar o potencial dos jornais. Desta forma, neste trabalho será apresentado um exemplo de possibilidade identificada na consulta. Já o

anúncio de venda de roupas para escravos da loja “Casa do Mineiro Barateiro” contém informações importantes para entender o que pessoas negras em condição de escravidão utilizava.

“Os escravos nos anúncios” de Jornais de Gilberto Freyre e a tese de doutorado “Indústria do vestuário e moda no Brasil, séc. XIX a 1960 - da cópia e adaptação à autonomização pelo simulacro”, de Luís André do Prado, possuem um apanhado dos anúncios de jornais da então capital (Rio de Janeiro), com menção a vestuário de negros que vivam, especificamente, em condição de escravidão. O livro de Freyre foi escolhido por dispor de compilação de anúncios relacionados a caracterização de pessoas negras aos olhos daquela sociedade, auxiliando a filtrar as menções de vestimentas e adereços. A tese de Prado, possui um conteúdo com informações refinadas acerca do acervo da Hemeroteca, e foi utilizado para mensurar a ocorrência de anúncios e as características das roupas, como: tecido e tipo de peça (calça, camisa, sai etc.).

Quanto às fotografias, foram escolhidos os registros de José Christiano de Freitas Henriques Júnior pelo vasto material com imagem de pessoas negras em diversos tipos de cenas cotidianas e em representação de trabalho, com este último buscou observar, se e como, o trabalho influenciava sobre a construção da representação do “Eu”. Cabe destacar que todas as fotografias de pessoas negras encontradas no acervo do site Enciclopédia Itaú Cultural⁴ foram de escravos.

Os processos crimes de Vassouras disponibilizados em forma de banco de dados por Agostini (2019) foram escolhidos por fornecerem descrições do cotidiano de uma região rural, de maneira comparativa às fontes anteriores que permitem aproximações mais voltadas ao contexto urbano. Isso possibilita visualizar minuciosamente as indumentárias dos envolvidos nos acontecimentos, por vezes descritas em detalhe – especialmente a dicotomia, padronização e diversidade, aplicada sobre eles, bem como a influência das relações em comunidade sobre as vestimentas utilizadas. Esses serão parâmetros que vão permitir o mapeamento das possibilidades de pesquisa, comparativamente.

A região de Vassouras mostra-se um frutífero contexto para observação dessa dinâmica, considerando a localização no Vale do Café, maior região cafeicultora do Brasil no século XIX - principal produto de exportação da época (Andrade, 2011) – e a qual detinha

⁴ <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21637/jose-christiano-junior/obras>

uma expressiva população escravizada com alto nível de africanidade, em função da atividade econômica desempenhada e das dinâmicas de absorção dessa força de trabalho no período.

Para tal, foi escolhido o trabalho “*Ouvi dizer de um vizinho*”: *Assim também se faz história*. Banco de dados sobre escravidão e análise de processos criminais – Vassouras / RJ, Século XIX, de autoria de Camilla Agostini,” que analisa uma série de processos criminais e organiza os assuntos através de um índice temático, o qual possui uma sessão reservada à vestimenta. O referido trabalho possibilita o estudo desse tipo de fonte a partir de uma perspectiva arqueológica, observando as estratégias de uma arqueóloga em fazer leituras de documentos escritos, tais como processos criminais. Isso é, identificar possíveis peculiaridades desse olhar. Para solucionar a dificuldade de reconhecimento e compreensão dos tipos de tecidos nos relatos, foi utilizado o “*Glossário de termos têxteis e afins*”, de Manuela Pinto Da Costa, o qual auxiliou para esclarecer a composição de algumas das peças.

Agostini (2019) verificou a variedade de locais de origem da população africana e afro-brasileira na região de vassouras, a partir o levantamento de indivíduos em uma série de 127 processos criminais, entre os anos de 1820 e 1880, encontrado menções de africanos do Congo, Benguela, Cabinda, Angola, Rebolo, Quiçaman, Cassange, Mussumbe, Muange, Moçambique, Inhambane e Mina. Quanto aos brasileiros, identificou originários do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Já no segundo século o panorama sofreu nova alteração, foram encontradas ocorrências de africanos advindos de um número menor de localidades, sendo: Benguela, Cassange, Cabinda, Congo, Ganguela, Monjolo, Moçambique e Mina. Em contrapartida, os brasileiros passaram a ter origens mais variadas, saindo do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, Alagoas e Rio Grande do Sul.

Por estas especificações de naturalidade, optou-se por priorizar os trechos em que houvesse essa informação a fim de buscar captar alguma referência de roupa ou ornamento relacionado à origem do personagem. Por outro lado, deve-se ponderar que os indivíduos naturais do continente africano passavam por um violento processo; eram despidos e deles retiravam os pertences antes mesmo do embarque no navio negreiro, e assim se mantinham até a chegada ao Brasil (Karasch, 2000). Posteriormente, passaram a ser vestidos, mas não com seus pertences e objetos de sua escolha, e sim com roupas de padrões destinados a escravizados:

No começo do século, os africanos eram desembarcados como tinham viajado, isto é, sem roupa alguma. Sem nada para cobrir sua nudez, eram submetidos a leilão público

e inspeção por senhores que se amontoavam em volta para examiná-los de perto. Depois da chegada da corte portuguesa, o príncipe regente mudou essa prática e mandou que fossem vestidos para a curta viagem até os armazéns da rua Direita e da rua do Cano. Em 1816, já era costume descarregar cada escravo com um trapo de algodão azul ou listado em torno da cintura e um gorro vermelho” (Karasch, 2000, p. 73-74).

Esse apagamento induzido aos africanos através da retirada de seus objetos pessoais possivelmente carregados com suas identidades culturais e individuais, promovia a padronização dos sujeitos, colocando-os no mesmo patamar, o de escravos. Com a implantação de estratégias dos senhores de dividi-los a partir da definição de nações, encontravam nas atividades coletivas espaços de reunir pessoas de mesma região e de retomar alguns símbolos de sua cultura, ao mesmo tempo que os separavam de pessoas de outras regiões com práticas culturais diferentes.

Compreende-se também que, mesmo com as manobras de apagamento cultural dos povos que compunham esse grupo, os integrantes não eram passivos e utilizavam de estratégias criativas para obter objetos desejados (Reis, 1989; Souza, 2013), sendo assim surge um leque de possibilidades quanto a essas escolhas de itens, como esconderem objetos antes do embarque e reprodução de indumentárias a partir da memória e adaptação das matérias-primas disponíveis. Quanto aos nascidos no Brasil é necessário considerar que poderiam absolver a cultura de seus ancestrais a ponto de tentar reproduzir e incorporá-la. Outro cenário possível seria a escolha de incorporar práticas e adereços culturais da população estatisticamente mais numerosa no local no qual habitaram.

Além das questões já levantadas, é preciso compreender que havia uma ordem social estabelecida naquela sociedade sob a qual todas as pessoas estavam subordinadas – libertos ou escravizados –, e que refletia nas vestimentas ao ponto em que utilizavam das roupas e adereços como forma de mostrar o status social e identificar seus iguais (Escorel, 2000), prática estendida aos escravizados. Outra questão a ser considerada, é o fato de que a roupa poderia ter significado diferente para as classes e para cada uma pessoa, uma vez que a preferência de cada indivíduo passa por filtros pessoais motivados por questões únicas da vivência de cada persona e o sentido que por ela é dado ao objeto.

É preciso considerar, ainda, que as fontes históricas apresentam os registros de três formas: por referência, por representação e uma terceira forma que mistura as outras duas. Registros como processos criminais e os anúncios, fazem referência mais comprometida da

materialidade, já as pinturas passam pelo filtro dos autores podendo conter representações que não são fiéis. As fotografias ao mesmo tempo em que registram a cena tal qual é também passa por filtros do fotógrafo, dos modelos e do que desejam passar com a montagem da cena, mostrando-se um registro que mistura características dos outros dois citados anteriormente. Da mesma forma, os relatos de naturalistas narram com mais detalhes como os acontecimentos, entretanto, também passa pelos filtros uma vez que remontam a interpretação do autor sobre algum fato.

Em todos os casos citados, a partir da leitura, separação e processamento das informações encontradas nas fontes históricas, serão examinadas considerando as restrições para análise da materialidade e as limitações dos documentos utilizados. Através disso, serão inferidas sugestões de informações que podem ser extraídas e úteis a pesquisa arqueológica. Dessa forma, será elaborado um quadro esquemático e índice temático a partir das informações apresentadas ao longo do trabalho como maneira de organização dos dados pertinentes à investigação no campo da Arqueologia.

3. FONTES HISTÓRICAS PARA O ESTUDO DA VESTIMENTA NA ARQUEOLOGIA

As fontes históricas constituem parte fundamental da pesquisa no campo da Arqueologia histórica, visto a possibilidade de acessar uma fração da visão coletiva ou de grupos específicos da sociedade da época pesquisada. Essas fontes se tornam ainda mais importantes quando consideramos materialidades com baixo potencial de conservação, como é o caso de tecidos e alguns adereços feitos de material orgânico.

Isto posto, para o estudo dessa materialidade e o seu uso pela população africana e afro-brasileira no século XIX no campo da Arqueologia, o presente trabalho propõe uma aproximação a fontes históricas a fim de sugerir os possíveis caminhos de investigação e compreensão sobre como esta cultura material inseria, excluía e definia a vivência de africano/as e afro-brasileiro/as, bem como apontar como essas pessoas escolhiam e utilizavam essas peças dentro do contexto em que estavam inseridos. Identificar o que era usado por eles, como era usado e o que não era usado, são informações importantes para compreender o contexto e os vestígios trabalhados, quanto cruzadas com as fontes arqueológicas, como botões (Suguimatsu, 2016), brincos (Lima, Sene, Souza, 2014) e anéis (Lima, Sene, Souza, 2014).

3.1 O OLHAR DE UM FRANCÊS SOBRE O NOVO MUNDO

Os relatos dos viajantes fornecem variadas informações desde a chegada dos europeus nas terras que hoje compõem o Brasil. Esses relatos carregam uma visão eurocêntrica de um mundo até então desconhecido, dessa forma, carregam em si uma carga especulativa a partir do medo, preconceito e a ideia do “outro” exótico, fato que interfere diretamente na percepção do que era presenciado (Pratt, 1999).

Os viajantes que desembarcavam nas terras brasileiras, chegavam com o objetivo de realizar missões de reconhecimento, a fim de documentar por relato escrito e/ou ilustrado as novas terras ainda pouco exploradas pelos europeus. O desconhecimento era não só sobre a paisagem, como também as pessoas, animais, alimentos, plantas etc. Entre eles havia pessoas de áreas de conhecimento distintas como botânicos, pintores, escritores, navegadores, entre outros profissionais (Pratt, 1999). Assim, entende-se que os registros realizados por eles podem deter, além de sua personalidade e visão eurocentrada, documentação elaborada a partir do ponto de vista da especialidade do autor.

Neste trabalho, optou-se por utilizar os relatos do naturalista francês Jean-Baptiste Debret, o qual registrou seu olhar do “novo mundo” por intermédio de pinturas e relatos escritos em diários de viagem. Sendo assim, a partir da checagem desses dois tipos de registros é possível compreender as possíveis escolhas de reprodução nas obras. É preciso compreender, no entanto, que não é viável afirmar quais os elementos de vestuário são originalmente utilizados pelas pessoas retratadas na pintura, afinal estas reproduções perpassam não só pelos filtros sociais, como pela escolha estética pessoal e artística da época, bem como por alterações feitas pela memória do autor e as limitações da matéria-prima. Mas são, sempre, um repertório possível a partir da realidade experienciada pelo autor naquele contexto.

Através do livro “*Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*” é possível observar as imagens e combiná-las com a visão do autor através da explicação sobre a cena pintada. As impressões de Debret são descritas no mesmo álbum, e, através dos relatos, é possível ter um parâmetro da visão do viajante sobre os acontecimentos. Na prancha nº 15 do tomo II, volume III⁵ há uma discrepância entre o título da obra e título da descrição. Na prancha o título escrito é “Casamento de negros de uma casa rica” e na descrição como “Casamento de negros **escravos** de uma casa rica”. Este fato chamou atenção para um possível erro de tradução, desta forma, foi verificada em uma versão em francês, disponível digitalmente na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁶ que constava a mesma questão, a obra intitulada “*Mariege de Nègres D’une Maison Riche*”, e no título da descrição constava “*Mariege de Nègres **Esclaves** D’une Maison Riche*”.

⁵ <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10014152&parte=1>

⁶ <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4716>



Figura 1 – Casamento de negros de uma casa rica, por Jean-Baptiste Debret, 1839. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional - Brasileira Iconográfica

Esclarecer acerca do fato, mostra-se necessário, pois na referida prancha aparece um grupo de homens e mulheres negros e negras em que todos utilizam sapatos. Assim, considerando que os pés descalços são comumente marcadores da condição de escravos (Chalhoub, 1990), a descrição de Debret pode indicar que o autor presumia, equivocadamente, que todas as pessoas negras eram escravizadas.

Na arqueologia, Tânia Andrade Lima (2008) tratou sobre partes de sapatos encontrados em escavação na atual Praça XV, antigo Largo do Paço, e dos quais observou sinais de terem passado por consertos. O levantamento de fontes históricas aponta que grande parte de mão de obra especializada em sapataria era de pessoas negras escravizadas, mas que por sua condição de escravizados, mesmo trabalhando na produção de calçados, não os usavam, salvo poucas exceções identificadas (Lima, 2008).

Desta forma, foram encontrados alguns casos em que são mencionados o uso de sapato por escravizados. Em *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*, Leme (1866) comenta

que uma fazenda de senhor muito rico de São Paulo, possuía diversos cativos, os quais usavam sapato:

João Pires das Neves foi nobre cidadão de São Paulo, muito abastado e com nobre comportamento. A sua fazenda era um como arraial pelas casas que tinha numerosa escravatura, pretos e mulatos, e estes oficiais de artes fabris e mecanicas, os quais trajavam calçados (Leme, p. 92, 1866, grifo meu).

Na segunda metade do século XIX, Malheiros (1866) descreve como a proibição do tráfico de escravos modificou a forma com que os senhores tratavam seus escravos, entre a mudança de tratamento, comenta como já se encontrava com mais facilidade pessoas escravizadas usando sapatos: “Nas cidades já se encontram escravos tão bem vestidos e calçados, que, ao vê-los, ninguém dirá que o são (Malheiro, p.95, 1866)”. Assim, diante do que foi acima apresentado, pode-se considerar que por mais que os pés descalços fossem um marcador da condição de escravidão, em alguns casos havia o uso de calçados por pessoas deste grupo, sendo essas relevantes informações a serem consideradas pelos arqueólogos ao analisar as peças e os contextos em que foram encontradas.

A obra “Casamento de negros de uma casa rica” ilustra uma cena com sete pessoas participando de uma celebração, o casamento de um casal de noivo e noiva negros, assim como os demais participantes, que ocorre na entrada da nave de uma igreja, sobre sepultamentos (Debret, 1839). O casamento entre escravos seria, ainda, estimulado pelos senhores com o intuito de tornar os cativos mais fiéis a casa, evitando fugas noturnas para encontros com o par e como forma de evitar que houvesse roubos com a intenção de presentear o amante (Debret, 1839).

Esta prancha foi escolhida por conter informações sobre vestuário adotado por pessoas negras em uma cerimônia religiosa, tanto parte desenhada e quanto em sua descrição textual, através dos quais pode-se observar as diversas formas de vestir neste tipo de ocasião. Outro ponto importante identificado na pintura e no texto de descrição foi a diferença destacada de um dos indivíduos, o homem mais afastado do grupo, ilustrado com roupa bastante diferente dos demais homens retratados, destacando o tipo de sapatos e chapéu. Esses elementos são pertinentes para a proposta do trabalho, independente das pessoas representadas serem cativos ou não, uma vez que permitem associar trabalho, vestimentas, vida social e o processo do indivíduo com a construção da sua pele social.

Em um cenário que essas pessoas sejam escravos de senhores abastados, as vestes podem ser um indicativo do alto poder aquisitivo dos donos, refletido na indumentária das pessoas escravizadas que mantinham em seu domínio, e os quais eram vistas, naquela sociedade, como bens que deveriam ser ornamentados como forma de reafirmar as boas condições financeiras dos senhores (Torres, 1950). Deve-se considerar também a escolha das pessoas negras por utilizar roupas com a estética da classe abastada como forma de se aproximarem de um nível social mais alto. Poderiam utilizar das vestimentas para imprimir o gosto pessoal e agregar símbolos importantes para eles através da ornamentação das peças, como, por exemplo, no bordado, entre outros.

Além dos sapatos, percebe-se o uso de adereços tanto nos homens – jabot, que é um lenço preso no pescoço, e chapéu -, quanto nas mulheres, que utilizam cordões, pulseiras, brincos, adereços nos cabelos e leques. O uso do leque é indicado como parte de uma reprodução de gestual, apontado como uma imitação do trejeito da senhora: “A atitude das negras é imitada da de suas senhoras; como elas, seguram um leque embrulhado num lenço branco (Debret 1839, p.181)”. Já o sapato dos outros participantes é um modelo de sola fina comum no início do século XIX (Lima, 2008), e bastante comum em pinturas no século XIX. Na arqueologia, exemplares deste modelo foram encontrados em escavação da Praça XIX, Rio de Janeiro, e a partir de análises Lima (2008) encontraram evidências de que as peças foram produzidas manualmente.

A descrição também mostra o papel de um dos componentes, o padrinho (indivíduo mais afastado), descrito como de categoria superior aos noivos, o que neste caso da imagem, foi identificado como um cocheiro (Debret, 1939). Ao comparar a vestimenta usada por ele com as dos demais homens da imagem, percebe-se uma diferença estética. O chapéu, possui decorações e formato diferente ao dos outros, e o estilo das roupas é bastante diferente do padrão do vestuário masculino da imagem. Outro ponto a se destacar deste personagem, é o sapato de modelo diferente ao dos demais, e similar a uma bota. Em “Diversos cortejos fúnebres” e “Velho convalescente”, dois cocheiros aparecem na imagem com chapéus com formato e decoração, seguindo o estilo do apresentado em Casamento de negros de uma casa rica.



Figura 2 – Margem superior: Velho convalescente / Margem inferior: Diversos cortejos fúnebres, por Jean-Baptiste Debret, 1839. Fonte: Acervo Biblioteca Nacional - Brasileira Iconográfica.

Em vista dos elementos do vestuário destacados nas imagens junto a descrição da prancha Casamento de negros de uma casa rica, e considerando como Lima (2008) recorreu a uma prancha de Debret para reconhecer o modelo de sapato analisado, entende-se que esta fonte histórica contém informações relevantes para o estudo e interpretação de peças relacionadas ao trabalho de cocheiro.

Recobrando as considerações feitas anteriormente acerca do tempo e as condições para produção de rascunhos e a finalização das pinturas, pode-se admitir que as roupas e adereços que estavam sendo usados não necessariamente são como os apresentados na pintura. Os detalhes descritos, podem ser resultado de um misto entre o que Debret efetivamente viu e um repertório ao qual estava acostumado, e que ajudavam a compor sua memória visual na produção das aquarelas.

Isto posto, apesar de alguns senhores proporcionarem a seus escravos ou dependentes livres ou libertos boas roupas e a oportunidade de vivenciar eventos sociais comuns a outras camadas da sociedade, observando a imagem acima apresentada, percebe-se que as roupas têm marcantes características europeias das camadas mais abastadas, fato que abre espaço para ponderações quanto ao espaço de negociação e ao nível de acesso aos bens, para além de um possível olhar tendencioso do artista francês. Seriam as roupas e adereços utilizados realmente tão luxuosas ou uma escolha do pintor de acordo com seu repertório.

É necessário considerar que os africanos e afro-brasileiros poderiam optar pela estética europeia no vestuário por influência do espaço em que viviam e/ou como forma de se aproximarem esteticamente das pessoas livres de camadas mais altas da sociedade. Neste caso, o processo ocorrido era, como sugerido por João José Reis (2015), ladinização, advindo do termo ladino, empregado a africanos que falassem português e demonstrassem assimilação (Karasch, 200). Este processo é definido por Reis (2015) como a assimilação da cultura local transformando-se aos poucos, mas sem abandonar a africanidade, sendo essa uma forma inteligente de manipular e entender símbolos culturais, protocolos sociais e os demais aspectos daquela sociedade escravista (Reis, 2015).

No caminho oposto à imagem acima apresentada, a cena da pintura a seguir reproduz uma situação em que os indivíduos usam “colares de ferro”, castigo empregado aos fugitivos capturados (Debret, 1934). Compreende-se que pelos escravizados da imagem estarem sob castigo, os cuidados e direitos eram menores, de modo que seu poder de barganha poderia ser menor do que os que escravizados que não estivessem sob castigo. Por outro lado, isso não significa que não recorriam a táticas para se esquivar do cerceamento de suas atividades pelos senhores.

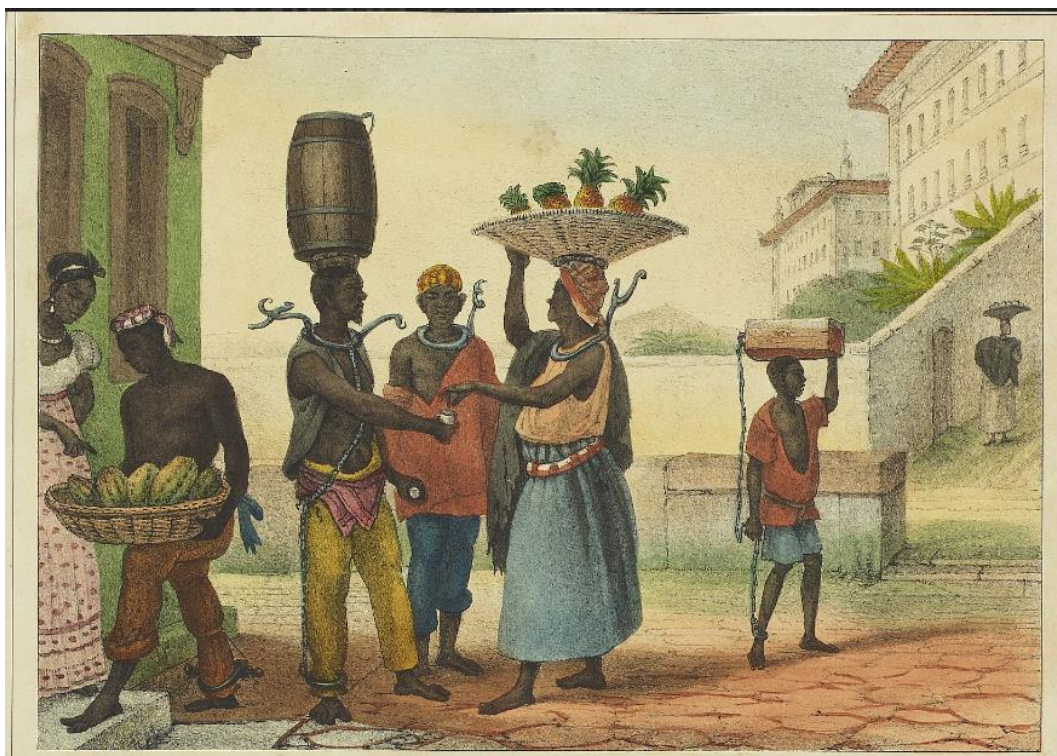


Figura 3 –
O colar de
ferro, por
Jean-
Baptiste
Debret,
1839.
Fonte:
Acervo
Biblioteca
Nacional -
Brasília

iconográfica.

Diferente dos noivos, os fugidos aparecem com os pés descalços e com roupas rasgadas e de estética europeia mais simples; um deles aparece apenas com uma calça e outros com camisas aparentemente em mal estado. O pano-da-costa da escrava de ganho aparece com buracos, e em sua cabeça está amarrado um pano, o que pode sugerir o uso prático para carregar as cestas com os produtos à venda e/ou assumindo o uso como marca identitária dos povos em diáspora (Santos, 2009), como parece ser o caso do homem de camisa vermelha ao lado da mulher no centro da imagem. No canto esquerdo da pintura, foi retratada uma personagem com roupas mais parecidas as utilizadas pelas pessoas mais abastadas que a dos demais, adornada com brinco e cordão. A mulher escolhe a mercadoria, o que aponta para a possibilidade de ser uma mulher livre ou uma escrava da casa, podendo ser um exemplo prático de escravizados que trabalhavam no ambiente doméstico que se vestiam com roupas melhores do que os que exerciam trabalho de lavoura (Torres, 2004).

Ante o exposto, percebe-se diferentes tipos de roupas e de funções através da cena. Observa-se que nesta ilustração, os acorrentados, personagens dispostos mais ao centro, utilizam roupas mais simples em comparação a mulher na porta da casa. Pensando além do castigo, as vestes poderiam ser mais simples seja pela condição financeira do senhor, pelo tipo de ocupação laboral ou por escolha baseadas a o que era significativo para os africanos e afro-

brasileiros, uma vez que um tecido considerado nobre pela sociedade brasileira, poderia não ser para outras culturas. Reis (2015) destaca este fato ao narrar a cerimônia fúnebre de Manoel Joaquim Ricardo, africano forro que enriqueceu e conseguiu ascensão social: “Quando Manoel Joaquim Ricardo morreu, no entanto, recebeu enterro de branco rico: foi vestido de mortalha preta (os africanos preferiam a branca, de tecido mais barato);[...] (Reis (2015))”.

Estas questões são aspectos a serem estudados na arqueologia, a fim de compreender a diversidade de vestimentas e acessórios relacionados a eles, de forma que o olhar possa ser refinado para compreender também as faltas de materialidade. Estes dados podem auxiliar a pensar os “silêncios” encontrados quando escavado um local em que se tenha conhecimento da presença negra no cotidiano, e não forem identificados registros de vestimenta ou adereços. Por outro lado, observando o processo de assimilação da estética europeia por africanos e afro-brasileiros, possibilitam relacionar algumas joias, sapatos e adereços a este grupo, considerando sempre o contexto histórico e ocupacional. Esses dados, são pontos para observar as diferentes formas de vida e tratamento das pessoas negras na sociedade brasileira no século XIX.

Diante das duas imagens, algumas questões podem ser levantadas quanto às escolhas do autor. Propagar o processo de ladinização talvez fosse uma forma de demonstrar como os africanos e afro-brasileiros conseguiam ascensão social, a partir dessa incorporação da cultura do europeu. A transformação possibilitava a vivência de alguns ritos sociais dos quais negros, mesmo os libertos, tinham mais dificuldade de acessar (Reis, 2015). Por outro lado, a figura 3 pode ser um contraponto ao primeiro caso, uma vez que Debret retratou os fugitivos capturados com roupas em pior estado e submetidos a um castigo que limita a mobilidade, mas também poderia representar a limitação em todos os âmbitos, uma vez que sofriam por não assimilar como os outros as transmutações ocorridas no processo de ladinização.

3.2 UMA PERCEPÇÃO BRASILEIRA

A fim de analisar as vestimentas dos africanos e afro-brasileiros a partir da visão de um artista brasileiro, de forma a contrapor o olhar estrangeiro anteriormente apresentado, optou-se por analisar as pinturas de Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, pintor brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, e o qual foi aluno de Debret na Academia Imperial de Belas Artes (Mello, 2022). Assim como o artista francês, Teive possui uma série de pinturas que retratam o cotidiano do Brasil. Em seu trabalho intitulado “costumes brasileiro”, de 1840, disponível

no site *Brasileana Iconográfica*⁷, se destaca a representação de uma mulher de gestual delicado chamado “Preta de Ballas”. Na imagem, a vendedora aparece com sapatos vermelhos, junto a um vestido delicado de saia volumosa – o que pode indicar uso de camadas de roupas - com babados. Quanto a sua função laboral, é demarcado pelo pano amarrado na cabeça utilizado como um artifício para estabilizar e amaciar o peso do balaio carregado com produtos, junto a sua bandeja de produtos.



Figura 4 - Preta de Ballas, Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive (1840- 1841). Coleção Brasilianas, Instituto Moreira Salles – *Brasileana Iconográfica*.

Ao analisar “Preta de Ballas”, e compará-la a figura 3 de autoria de Debret, avanta-se a possibilidade de comparar a diferença na representação da vestimenta de uma pessoa livre

⁷ <https://www.brasilianaiconografica.art.br/autores/19094/joaquim-lopes-de-barros-cabral-teive>

ou liberta de uma pessoa escravizada no ganho. No centro da imagem de Debret há dois escravos de ganho, evidenciados por carregarem cesta com produtos e por estarem negociando. Ao centro uma mulher vende para outro escravizado, e no canto esquerdo um homem aparece vendendo para uma mulher na porta de uma casa. Ambos aparecem com roupas simples e de aspecto envelhecido, contrapondo a mulher enfeitada e calçada da figura 4, pintada por Teive, o que mais uma vez mostra a diversidade de vivências de pessoas negras naquela sociedade. Por outro lado, um mesmo item pode ser identificado, o pano na cabeça colocado embaixo da mercadoria carregada na cabeça, o que mostra uma prática comum entre vendedores libertos e cativos.

A segunda pintura de Teive selecionada a “Quitandeira” retrata uma escrava de ganho com um bebê nas costas. Em suas roupas observa-se os pés descalços, acompanhados de uma saia azul sem volume ou plissado. Não dispõe de brincos ou pulseiras, e na parte superior não apresenta mangas longas ou detalhadas como a da figura anterior, mas sim um pano-da-costa branco com listras vermelhas, utilizado para segurar a criança. Nesta pintura, a personagem aproxima-se mais do demonstrado na obra de Debret (figura 4), visto as roupas mais simples, o que sugere um possível padrão de vestimentas confeccionados para os cativos – apesar de não haver no título a especificação da condição da mulher, entende-se que a retratar descalça é um indicativo da condição de escrava.



Figura 5: Quitandeira, Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive (1840-1841). Coleção Brasilianas, Instituto Moreira Salles – Brasileira Iconográfica.

Considerando casos em que os escravizados que desempenhavam atividades de ganho tinham parte do lucro (Souza, 2011), compreende-se que também que, em cenários como estes, poderiam ter mais oportunidades para escolher o que consumiam, visto possuírem dinheiro e circulação fora do espaço doméstico. Ao refletir acerca das dinâmicas relacionadas à rotina do trabalho de ganho, o tempo de exposição dos produtos ou o cumprimento de tarefas externas, proporcionava mais oportunidades de estar fora da vista do senhor e desempenhar de forma mais livre sua individualidade. Cabe ressaltar que, os cativos que

trabalhavam em ambientes domésticos conviviam com mais proximidade da intimidade da casa grande. Isto poderia torná-los mais suscetíveis à tutela e influência dos senhores, limitando os espaços de circulação aos domínios da casa. Por outro lado, de trabalhos domésticos como, cozinheira, poderia surgir a possibilidade de adquirir panelas com decorações se seu gosto, como aponta Agostini (2010).

Mesmo que a mulher da figura 5 não apareça com um vestuário mais próximo ao da classe dominante, cabe ressaltar que os escravos de ganho, em alguns casos, tinham mais possibilidade de adquirir bens materiais. Deste modo, poderiam optar pelas roupas de característica europeias a fim de imprimir em si uma imagem mais respeitada naquela sociedade em que eram sistematicamente desumanizados e excluídos. Diante disso, por mais que houvesse uma rejeição inicial, é compreensível que com o tempo e exposição aos produtos do local e as dinâmicas daquela sociedade, optassem por selecionar peças do vestuário das camadas mais abastadas como forma de camuflagem e obtenção de *status*. Além da tentativa de inserção na sociedade, as escravas de ganho tinham o interesse comercial de atrair os clientes, sendo esse um dos possíveis motivos para adoção das vestimentas aos moldes europeus:

Para as mulheres recém-chegadas do continente africano vestir-se aos moldes europeus era mais uma das várias imposições do escravismo, mas posteriormente, após o entendimento das estruturas sociais e relações de poder, tornava-se, em alguns casos, uma escolha, pautada em uma tentativa de inserção na sociedade em que a cor da pele era um dos vetores de exclusão, mas não o único. Nesse sentido, o objetivo do artigo foi abordar como o vestir-se, seguindo os modelos utilizados por seus senhores e conservando alguns elementos africanos, se configurou em uma forma de distinção social para as mulheres negras, sobretudo as que viviam do ganho nas cidades do Rio de Janeiro e Salvador, entre os séculos XVIII e XIX (Carmo; Vieira, 2020).

Outro fato a ser destacado na indumentária das trabalhadoras negras de ganho, é o uso de elementos chamativos na vestimenta como um mecanismo de atração de cliente, uma vez que as roupas luxuosas tornavam essas vendedoras mais chamativas: “Além da beleza das negras de ganho, havia também o encanto e até surpresa relacionada à quantidade de riquezas que tais “vendeiras” conseguiram acumular (Carmo; Vieira, p. 108, 2020)”. Este é um fato que poderia justificar a indumentária mais luxuosa da mulher na figura 4.

Em consideração as diversas ocorrências de negros de ganho reproduzidos nas pinturas de Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, percebe-se o potencial para uma investigação intensiva das pranchas do pintor, como ferramenta para averiguar as diversas formas de vestir

dentro deste grupo, através de objetos individuais, como sapatos - considerando que poderiam ser feitos manualmente (Lima, 2015) -, ou coletivos (pano da costa e saia lisa sem volume). Pode ajudar também a perceber as posições sociais dentro do grupo, uma vez que de as vendedoras mais ricas poderiam se vestir de maneira mais ostensiva (Carmo; Vieira, p. 108, 2020).

Além disso, comparar as pinturas de Teive as de Debret, permitem observar as diversas construções e representações da vida cotidiana no Brasil e na província do Rio de Janeiro no século XIX, bem como a construção dos próprios artistas, e, através de suas lentes, visualizar a reprodução do cotidiano. Esses pontos de vistas distintos, enriquecem o olhar para a interpretação da materialidade e sua relação com os africanos e afro-brasileiros, ajudando a verificar as táticas de adaptação das pessoas negras através dos recursos disponíveis. Por meio das imagens observadas acima, essa adaptação poderia ser por meio de relações sociais e durante as atividades de trabalho fora do olhar do senhor, conforme mostra a figura 3 em que ocorre uma negociação entre os personagens, mesmo os que estavam sob castigo. Por vezes, recorriam ao processo de ladinização, observados na figura 1, figura 4 e na mulher na porta da casa da figura 3. Além disto, como pode indicar a mulher na porta da casa na figura 3, através de tarefas domésticas, poderiam ser adquiridos com os vendedores os objetos de seu interesse.

Com a observação das pinturas, tanto de Debret quando de Teive, percebe-se que os registros não retratam os detalhes das roupas e adornos, e, mesmo com a descrição de Debret, as imagens são usadas como forma de representar cenas cotidianas e costume, o que faz com que seja um retrato generalista do cotidiano e de situações. Já nos anúncios de procura de pessoas escravizadas fugidas e de os de pessoas encontradas, abordam as vestimenta e adornos como pistas do fugitivo, mas, mesmo quando detalham uma peça, não dão conta de fornecer informações suficientes para relacionar o uso com a escolha individual por determinado objeto.

3.3 ENTRE PANOS E ANÚNCIOS DE JORNAL

Os anúncios de jornal costumavam descrever os cativos fugidos e os que foram achados. No Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, esses anúncios chegaram a ocupar o melhor espaço, tal como indicou Gilberto Freire em livro sobre o tema (Freire, 1979). Na categoria de fugitivos, os anúncios relatavam com maior detalhamento as características físicas e das roupas utilizadas no momento da fuga a fim de que fosse identificado nas ruas. Além da descrição do vestuário nesses anúncios servirem como artifício para caracterizar e

identificar o sujeito, há casos de relato de furto de peças de roupas e adereços relacionados a fuga, sendo este outro tipo de registro de vestuário relacionado a pessoas escravizadas em anúncio de jornal.

Em ambos os casos há um interesse de identificação objetiva seja de pessoas ou de coisas. Então, se a iconografia dos viajantes oferece imagens complexas que podem ter sido alteradas pelo olhar do naturalista, ainda que com base na realidade vivida nos casos comentados neste trabalho, os jornais oferecem descrições objetivas com interesse em identificação, portanto, a princípio fidedignas. Cada uma dessas coisas é escolhida e destacada pelo olhar policial de senhores e autoridades, como um pequeno fragmento do real – que no caso seria do corpo da pessoa. Assim, entende-se que as roupas eram importantes elementos nesse momento de fuga tanto para o reconhecimento, quanto para o disfarce⁸.

Freire (1979) identificou um caso em que um homem cativo da Nação Congo utilizava um brinco em formato meia lua no momento da fuga: “Firmino, nação Congo, que em 1833 fugiu da Rua do Sabão, n.º 237, aqui no Rio, levou em uma orelha "humã argola com humã meia lua pendurada"(J. C., 20-3-33 apud Freire, 1979, p.36)”. O que pode indicar uma relação com seu local de origem, tanto pela prática de furar orelha quanto pelo formato do brinco. Por outro lado, deve considerar que um mesmo objeto pode carregar diversos significados dependendo do referencial tanto das pessoas que usam, quanto das pessoas que o veem e interpretam (Beaudry, Cook, Mrozowski, 2007).

Nas escavações do Cais do Valongo, também foi encontrado um brinco em formato de meia-lua feito de cobre. O adereço foi comparado, por Lima, Sene, Souza (2014), à uma pintura de Debret, em que uma escravizada da nação Moçambique aparece com brinco igual ao encontrado nas escavações. Este caso demonstra como as fontes históricas auxiliam na interpretação dos vestígios identificados em escavações arqueológicas.

É compreensível que, as vestimentas utilizadas por pessoas escravizadas que desempenhavam trabalhos domésticos a indivíduos de classe alta, sofressem mais influência do grupo dominantes que a dos que trabalhavam na lavoura. Através do processo de ladinização,

⁸ “As que fugiam vestidas com as sedas e rendas de suas sinhas: aventura e vaidade misturadas (Freyre, 1990, p. 15).”

poderiam encontrar um caminho para melhorar a relação com os senhores e obter mais direitos. Com maior exposição aos costumes dos senhores, pela proximidade do convívio, havia mais facilidade em assimilar os costumes do outro e, também, para reproduzir os comportamentos:

Dos escravos domésticos pode-se generalizar, à base do estudo dos anúncios de escravos fugidos, que fugiam menos que os de campo: talvez por se sentirem mais próximos da cultura dominante que, dentro das casas-grandes e dos sobrados patriarcais, os admitia à intimidade da mesma cultura, permitindo a pajens e a mucamas regalias de alimentação, de traje, de recreação que faziam deles uma espécie de parentes pobres dos brancos, seus senhores (Freire, 1979, p. LI).

Diferente dos escravos que ocupavam trabalhos domésticos, havia os escravos relacionados aos trabalhos mais pesados, a estes eram destinadas roupas banais de algodão comum e produzidos em massa. Prado (2019) relaciona o início da indústria têxtil e produção em massa à escravidão, visto a necessidade de produzir roupas baratas, padronizadas e de baixo custo para os escravizados:

Carecemos, ainda, de levantamentos mais completos sobre importação e fabricação de vestuário no Brasil, ao longo do século XIX, período extenso em que o segmento vivenciou substantivas transformações. Há indicações consistentes, contudo, de que nossas mais remotas manufaturas de roupas prontas produziram vestuário rústico destinado a escravos – como ocorreu, também, nos EUA. Apenas na segunda metade do XIX, o segmento teria passado a se encaminhar para a fabricação de roupas íntimas e vestuário masculino, imitando ou copiando as peças importadas que abasteciam massivamente o mercado voltado às camadas médias urbanas. Stanley Stein confirma que predominou no Brasil daquele período a fabricação de tecidos grossos de algodão, “adequados para roupas de escravos e colonos e ensacamento” (Prado, 2019, p.133).

Defrontando as duas situações acima descritas, observa-se registros de diferente tratamento dado a pessoas escravizadas com funções de trabalho distintas, e como refletia através das vestimentas utilizadas. Assim, foi identificado em anúncio de venda de roupas para escravos, publicado no Jornal da Tarde, potencial para observar as possibilidades de vestimentas destinadas aos cativos. O anúncio a seguir da “Casa do Mineiro Barateiro”, localizada na Rua da Alfândega 119, em 1870, apresenta uma série de peças de roupas com tecidos diferentes, descrevendo: palitós (sic) de alparca branca e preta e de brim, camisas de morim e de chita, juponas para escravos e camisa de baeta. A partir das informações verificadas do anúncio seguir, foi possível visualizar, para além dos itens destinados aos escravizados,

alguns tipos de tecidos de eram feitas, e a forma como as peças eram ofertadas; poderiam ser vendidas já prontas ou sob encomenda.



Figura 6 - Anúncio de venda de roupas para escravos, Jornal da Tarde, edição 92,1870. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional

Prado (2019), apresenta em seu trabalho um levantamento das ocorrências de anúncios de roupas para escravizados nos Jornais do século XIX realizado a partir de buscas no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, na qual encontrou 102 casos nos periódicos do Rio de Janeiro. Nessas análises constatou que entre 1820 e 1875 o vestuário masculino era composto predominantemente de calças e camisas básicas de algodão listrado ou azul. Para as mulheres foi observado roupas como vestido, saia e camisa de algodão ou Zuarte (tecido também de algodão) estampados:

Pesquisa em anúncios de escravos fugidos publicados em jornais do Rio de Janeiro, entre 1820 e 1875, identificou que o “vestuário masculino predominante era composto pelo arranjo básico das peças calça e camisa, confeccionadas de algodão listrado, denominado riscado ou da cor azul”.³⁸² [...]. Já o vestuário feminino das escravas

seria “basicamente composto por vestido, que poderia ser uma única peça, ou a composição de saia e camisa, de algodão ou zuarte estampados” (Prado, 2019, p. 136).

Em consideração as informações contidas nos trechos selecionados e os elementos presentes no anúncio de venda de roupas, compreende-se que existia um padrão de roupas básicas, confeccionadas em maioria em tecidos feitos de algodão e lã, tanto para homens quanto para mulheres. Dentre as pessoas escravizadas fugidas, os que trabalhavam na casa-grande eram minoria, o que possivelmente está relacionado a possibilidade de receber mais direitos, por vezes, identificado pelo acesso a roupas de melhor qualidade (Freyre, 1979).

Diante das informações destacadas, é perceptível a importância dos periódicos do século XIX para o levantamento de dados que auxiliam nas interpretações sobre a relação entre roupas e ornamentos com a parcela de pessoas escravizadas da população negra daquele momento. Observou-se que através do anúncio de venda de roupa é informado o que era destinado ao uso coletivo, já nos avisos de escravos fugidos detalham as vestes utilizadas no momento da fuga, por vezes, o que foi levado por eles.

3.4 VESTIDOS PARA AS LENTES

José Christiano de Freitas Henriques Júnior realizou uma série de fotografias de pessoas em condição de escravidão, que mostram diversidade étnica e variação de vestimenta. Cabe lembrar que assim como as pinturas, o fotógrafo também monta cenários, uma vez que há escolha de ângulo, fundo, pose, entre outros elementos. Por outro lado, entre os registros iconográficos, a fotografia traz inovação, uma vez que possibilita acessar uma dimensão do “real”, ainda que seja uma representação da rotina.

É necessário considerar algumas questões técnicas, como, nesse caso, o fato das fotografias escolhidas serem do tipo *cartes de visite*. Este tipo de fotografia era produzida em série, favorecendo o uso para fins de apresentação, de modo que eram distribuídas como cartão de visitas:

Tais retratos, medindo aproximadamente 5 x 9 centímetros, tem como principal inovação o fato de serem produzidos em série, a partir de um sistema de lentes múltiplas. O que permite ao cliente sair do ateliê fotográfico com uma série de imagens idênticas, nas quais se explicita a projeção pessoal do retratado. O retratado pode adquirir 12, 24 ou 36 imagens iguais, podendo, inclusive, voltar ao ateliê para

encomendar mais cópias, já que o negativo fica arquivado no estabelecimento. Uma vez com sua série de imagens nas mãos, o cliente divulga esta sua imagem construída. Como o próprio nome diz, trata-se de um ‘cartão de visita’. É dada como lembrança e, muitas vezes, trocada entre as pessoas. Com sua grande difusão, aparecem alguns colecionadores que as colam em álbuns, arquivando-as. Surgem, também, aquelas que são vendidas em livrarias, tais como as de ‘tipos exóticos’, que retratavam tipos populares como índios e escravos, e as de celebridades, com figuras ilustres, como por exemplo, religiosos, políticos e artistas (Leite, 2011, p.28).

O equipamento da época necessitava de longo período de exposição do modelo, o que criava a necessidade de que as imagens fossem feitas em um espaço controlado, com a quantidade de luz certa, sem passagem de pessoas que pudessem interferir na captura. Em meados do século XIX os mecanismos da câmera passaram por melhorias que diminuíram o tempo de exposição, mas foi apenas em 1888 que surgiu um equipamento capaz de produzir registros rápidos (DeNipoli, 1998). Para que a imagem fosse captada a contento era necessário uma série de ajustes e que o modelo não se movesse por um período de seis minutos durante a captação da imagem:

Esta era a primeira etapa de uma sessão de retratos: apenas depois de arrumar o corpo era que os equipamentos podiam ser ajustados. Por esse motivo, entre outros, é que havia a necessidade de se utilizar nas sessões de retratos os ferros de apoio ao corpo, balaustradas, colunas, poltronas e cadeiras. Sem eles, o retrato seria uma tarefa muito difícil. Imagine o leitor a situação: o cliente junto com o fotógrafo escolhe determinada pose para se retratar; demoram um certo tempo para ajeitar o corpo à pose pensada; somente após isto é que o fotógrafo pode arrumar seus refletores, aparadores, fundo e câmara; enquanto isso, o cliente não pode se mexer, pois iria alterar iluminação e, principalmente, o foco da máquina. Vocês se lembram que o marquês suou em grossas bagas durante seis minutos para o fotógrafo retratar a roseira? Este não é o tempo de fixação da imagem no clichê, mas o tempo entre o término da pose e o término da fixação. No entanto, seis minutos é muito tempo para se ficar absolutamente parado: tente, o leitor, experimentar (Grangeiro, 1998,).

Para analisar essa fonte iconográfica, é necessário levar em consideração que essas são reproduções do cotidiano, e não de uma captura casual do dia-a-dia. Através do ensaio fotográfico havia a oportunidade de construir nas fotografias um cenário desejado, ou, apresentar-se de maneira similar a vida real. Nesse sentido, a narrativa transmitida através das

fotografias, poderia ser construída de forma a mostrar a realidade mesclada aos desejos do modelo e conforme a imagem que gostaria de apresentar:

Uma das principais inovações das cartes de visite é o retrato de ‘corpo inteiro’, o que implica cercar o retratado de artifícios teatrais que definem seu status, longe do indivíduo e próximo da máscara social, numa paródia de auto-representação na qual se unem realismo e idealização. Estes retratos são a forma mais completa de junção da série de elementos mobilizados na elaboração da cena fotográfica. Também, neles se observa que os clientes podem introduzir a sua própria indumentária, trazendo desde objetos cotidianos à roupa do dia-a-dia, ostentando traços da moda desejada, já que os ateliês oferecem vestimentas muitas vezes inacessíveis a eles. A verdade é que estas pessoas procuram, por meio desses objetos, contar a sua própria história: muitos querem ser retratados com as suas ferramentas de trabalho, com seu ícone pessoal. Estes retratos agregam os fragmentos da personalidade do indivíduo, que são incorporados e reincorporados na sala de poses, local onde se estabelece a construção individual (Leite, 2011, p.28).

As fotografias selecionadas para o presente trabalho, sugerem um esforço em imprimir a casualidade ao apresentar a modelo em pose que reproduz uma atividade rotineira, como ocorre nos retratos: *Escrava Vendedora de Frutas*, *Escrava Vendedora Ambulante*, *Escravo Confeccionando um Cesto*, *Dois Escravos se Cumprimentando*. Tais imagens mostram atividades de venda, confecção de objetos e interações sociais.

A primeira imagem apresentada, intitulada “*Escrava Vendedora de Frutas*”, foi selecionada por apresentar a imagem de uma mulher trajada com abundante quantidade de roupas e adereços. A mulher dá indícios de seu trabalho ao ponto em que carrega um balaio com frutas. Não obstante, na figura 8 uma mulher que também apresentava escarificação e usava a blusa com detalhe central, foi definida como da nação mina.



Figura 7 - Escrava Vendedora de Frutas, 1865, José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.



Figura 8 - *Escrava da Nação Africana Mina*, 1865, José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

Na figura 7, a mulher carrega em sua cabeça um balaio repleto de frutas, e assim como nas figuras 3 e 4, um pano acomoda na cabeça o carregamento. A saia estampada apresenta volume leve e, em conjunto, uma blusa com acabamento estampado nas barras e detalhe no centro da peça. Quanto aos pés, não aparecem com clareza, de forma que não é possível afirmar se está calçada ou descalça. O pano-da-costa, que na pintura “quitandeira” é utilizado para carregar uma criança, nesta

fotografia foi registrado enrolado na cintura. Cabe destacar que na pintura figura 3, a vendedora no centro da imagem foi retratada com algo amarrado na cintura, se aproximando visualmente do apresentado em “escrava vendedora de frutas”. Nos pulsos da modelo, aparece uma pulseira da qual não é possível ver detalhes em função da distância da fotografia e resolução, e na orelha usa brincos dos quais também não é possível visualizar detalhes.

Cabe destacar que o pano amarrado na cabeça, poderia estar relacionado à prática de carregar objetos ou, por uma prática cultural. Esta observação se faz a partir da comparação entre as formas de utilizá-lo. Nos casos em que o pano foi utilizado como ferramenta de trabalho, aparece com torções que criam uma superfície de equilíbrio para acomodar o que era carregado na cabeça (Silva, 2020). Por outro lado, em alguns casos, parece ter mais técnica nas torções, tornando-o mais alto e sem achatamento, o que pode indicar o uso decorativo. De

qualquer forma, através dos retratos a seguir é possível visualizar a diferença entre as diferentes formas de uso apontadas acima. Cabe destacar que o uso do turbante poderia assumir mais de uma função e/ou significado.

Em “retrato de escrava” a mulher aparece com uma amarração mais elaborada, com torções mais cuidadosas e pontas bem acomodadas. O formato arredondado apresentado é diferente das superfícies achatadas dos casos anteriores relacionados a atividades de trabalho. A mulher não aparece com nenhum carregamento. No braço carregava diversas pulseiras, aparentemente de miçangas, o que não é possível confirmar em função da baixa resolução da imagem. Em destaque, o pano da costa cobrindo todo a parte superior da roupa, deixando a mostra apenas a saia estampada, com detalhe na barra.



Figura 9 - *Retrato de Escrava*, 1865. José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

Diante das duas imagens apresentadas, observa-se o uso diferente do pano-da-costa pelas modelos das duas fotografias. A “vendedora de frutas” aparece com o pano na cintura, e na imagem acima o pano aparece ao redor de toda a parte superior cruzados sobre o ombro. Já na figura 3 aparece jogado sobre o ombro da vendedora, e na figura 4, a mulher utiliza para carregar uma criança. A partir da comparação dessas imagens, observou-se que o pano-da-costa era usado de formas diversas e era até mesmo como instrumento (figura 4).

No retrato “Escrava Vendedora de Frutas” a seguir, encontra-se a mesma mulher das figura 7, agora sentada em companhia de uma criança, também negra, a qual carrega consigo uma cesta e, aparentemente, representam o momento de uma compra. Nessa posição escapam as pontas dos dedos dos pés sob a saia, o que demonstra a falta de calçado. A posição da cabeça e mãos parecem sugerir um momento de conversa entre as partes, entretanto, tendo ciência da capacidade de captura das câmeras da época, compreende-se que se trata de uma reprodução de uma cena de trabalho do cotidiano. A roupa da criança aparenta aberturas que, em função da qualidade da imagem, não ficam claras serem rasgos ou fendas.



Figura 10 - *Escrava Vendedora de Frutas*, 1865. José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura brasileira

Através da fotografia “Escrava Ambulante” percebe-se uma variante nos utensílios de trabalho, ao ponto em que esta aparece na imagem utilizando de tabuleiro dobrável, o que possivelmente dispensava a necessidade de locomoção de peças sobre a cabeça, o que pode estar associado ao fato de não apresentar o pano torcido como apoio, conforme verificado em pinturas e fotos anteriores. Não utiliza nenhum adereço, de modo que sua indumentária, comparada aos exemplos supra, aparentam mais simplicidade. Ao redor de seus ombros, utiliza um xale ou pano da costa, que pode conter franjas se aproximando da estética europeia:

Duas qualidades distintas para o Pano-da-Costa estão presentes na memória popular, em especial na Capital e Recôncavo da Bahia. O pano de fina textura, também chamado de Xale da Costa, era feito com fios de seda e alguns possuíam

franças, talvez influência européia. A outra qualidade do Pano-da-Costa e a mais comum era feita de fios de algodão geralmente bicolor e em madras. Esse tipo de Pano da Costa era usado por mucamas e as mulheres ligadas ao Candomblé. [...] (Lody, 1995, p.225 apud Santos, 2009, p. 25).



Figura 11: *Escrava Vendedora Ambulante*, 1865. José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

Ao pensar nas vestimentas das mulheres acima, observa-se que, assim como foi destacado anteriormente, as mulheres que trabalhavam com ganho se vestem de formas variadas. A mulher da figura 7 (a mesma da figura 10) tem a saia similar à utilizada pela mulher da figura 11, que foi fotografada sem adornos. Tais vestimentas estão de acordo com o trecho transcrito no subcapítulo anterior, do que foi identificado por Prado (2019) sobre a vestimenta destinada a mulheres escravizadas, blusa e saia. Entretanto,

destaca-se que as estampas eram diferentes e que a mulher da figura 10. Mesmo utilizando a vestimenta comum, a mulher da figura 7, usa uma pulseira – aparentemente de couro ou tecido – e brincos, escolhendo uma apresentação mais enfeitada. Assim, o fato observado nos subcapítulos 3.3 e 3.4, pode identificado também nos exemplos apresentados acima, as trabalhadoras de ganho tinham formas variadas de se vestir, algumas mais simples e outras mais enfeitadas e chamativas.

A mulher da figura 10 não está relacionada a atividade de trabalho, entretanto destaca-se que, assim como a mulher da figura 7 usa brincos, pulseira e turbante. Ao comparar as duas

imagens destaca-se uma diferença principal, as pulseiras das duas mulheres não são parecidas. Enquanto na figura 7, a mulher aparece com algo que lembra couro ou tecido, a da figura 10 parece utilizar algo feito de contas ou de metal, ideia inferida pelo relevo aparente na imagem. De toda forma, a diferença de material e estética, podem demonstrar as escolhas a partir do gosto pessoal dessas mulheres, uma vez que mesmo com roupas padrão, os adereços imprimiram uma particularidade.

Este fato não pode ser observado através das pinturas de Debret e Teive, ao ponto que os adereços tinham pouco detalhes. Da mesma forma, observou-se que a qualidade da imagem pode apresentar um desafio maior durante a apuração. Imagens como as apresentadas acima auxiliam a traçar algumas possibilidades de material dos adereços, mas não proporcionam uma visão clara ao ponto de identificar detalhes e símbolos que possam estar estampados. Por outro lado, entender que havia adereços de matéria prima com pouco potencial de preservação, ajuda o arqueólogo a ter um entendimento das ausências em campo.

Ao direcionar a atenção para as vestimentas masculinas, que comumente apresentam menos detalhes nas peças, buscou-se casos que acrescentassem detalhes além das peças padrão - calça e camisa - a fim de captar nuances de personalidade a partir dos demais componentes, como é o caso de “Escravo Confeccionando um Cesto”. O homem aparece sentado trançando um cesto, sendo mais uma cena de trabalho capturada por Christiano Jr. Outro fato observado é como o pé direito se posiciona ao centro da imagem, podendo ser uma forma de comunicar a condição de escravizado (Lima, 2008). Na fotografia, registrado usando calças curtas e camisa sem estampa, junto de um pano enrolado no pescoço e um adereço de tecido na cabeça. Em vista das duas últimas peças mencionadas, a escolha por ser representado com ela pode ser um indicativo das escolhas estéticas dessa pessoa.



Figura 12: *Escravo Confeccionando um Cesto*, 1865. José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e cultura Brasileira.

A fotografia intitulada “Dois Escravos se Cumprimentando” apresenta personagens vestidos de maneira mais social, retratado pelos elementos utilizados e pela pose. Ambos aparecem com trajes diferentes do identificado por Prado (2019) como o padrão de vestimenta masculina para pessoas escravizadas, apenas calça e camisa. Todavia, os pés aparecem descalços, posicionados em primeiro plano, da mesma forma que na figura 12, o que sugere também a condição de escravidão.

Cabe chamar atenção ao chapéu de tecido com característica bem marcante que o homem da esquerda da figura 13 usa, e que se difere dos chapéus identificados nas pinturas de Debret e do companheiro de cena, o que pode indicar aspectos culturais e religiosos seguidos pelo modelo. O segundo homem foi representado com o chapéu estruturado e com um cordão pendente na parte traseira. Essas pequenas escolhas demonstram as possibilidades que podem ser acessadas através das fotografias. E para além disso, a pose do cumprimento, diferente das figuras 3 e 10, registra uma cena da vida social de pessoas escravizadas além das relações de trabalho. Dessa mesma forma, a figura 1 representa interação social entre africanos/as e/ou afro-brasileiros/as em uma cerimônia de casamento e na figura 5 uma interação familiar.

Cabe evidenciar que o paletó utilizado pelo homem da esquerda parece grande para o seu tamanho, diferente do componente da direita que parece vestir o tamanho correto. Além do paletó, a calça do primeiro homem também parece ser mais larga e longa do que o ideal para o

corpo do modelo. Nas duas últimas fotografias comentadas acima, as roupas parecem não ser do tamanho adequado aos homens registrados, de modo que, considerando os ateliês de fotografia disponibilizarem roupas (Leite, 2011), há a possibilidade de que tenham escolhido criar essa cena utilizando as roupas que desejavam vestir normalmente, construindo assim, mesmo que momentânea, a vivência do cotidiano da forma desejado. Por outro lado, a roupa poderia ser do próprio modelo, e o fato de ser maior pode indicar apenas uma peça de segunda mão.

Vale ressaltar que independente das peças pertencerem às pessoas fotografadas, a escolha de ser retratado da forma construída através das peças utilizadas demonstra a expressão estética que desejavam mostrar à sociedade, seja essa escolha do fotógrafo ou modelo. Apenas pela imagem não é possível definir de quem seria a escolha por esta forma de representação, entretanto, mesmo que represente uma iniciativa do fotógrafo de mostrar civilidade, o modelo também poderia desejar que sua representação fosse perpetuada desta forma (Santos, 2014). Apesar de alguns ateliês fornecerem elementos cênicos como vestimentas, nenhum dos modelos utilizam sapatos, o que indica que, possivelmente, houve uma escolha por retratá-los desta forma, de modo que reafirmariam a posição de escravizados, utilizando essa marca da escravidão para identificá-los (Sant'anna, Custódio, 2017).



Figura 13: *Dois Escravos se Cumprimentando*, 1865. José Christiano Júnior. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

Compreendendo tratar-se de fotografia *cartes de visite*, e considerando a recorrente representação de trabalho de ganho, é possível que os modelos ao escolher ilustrar tais cenas para que fosse usado para a promoção do trabalho por eles desempenhado. Por outro lado, compreendendo que uma das formas de comercialização das *cartes de visite* era vender as imagens de pessoas não brancas apresentadas como exóticas, as imagens podem ser destinadas a este tipo de comércio (Leite, 2011). De todo modo, considerando as cenas selecionadas, percebe-se a intenção de demonstrar interações do cotidiano.

Entende-se que uma futura análise das peças por intermédio das fotografias, possa identificar os registros de atividades humanas e a modificação das peças sofrida ao longo do tempo (Symanski, 2014). Através delas, é possível relacionar os dados a fim de identificar o contexto espacial ao qual a materialidade era manipulada e, neste sentido, interpretar os possíveis significados inferidos sobre eles. A partir da comparação das figuras acima, observou-se o potencial das fotografias para identificar que mesmo com o processo de padronização de roupas feitas para pessoas escravizadas, existiam formas de se diferenciar através de acessórios que compunham o vestuário. Esses objetos visualizados auxiliam a enriquecer ponderações quanto a manifestação de individualidade. No entanto, cabe ressaltar que, a qualidade das imagens é um obstáculo durante o levantamento de informações, visto a dificuldade de verificar detalhes menores em função da granulação.

Assim como as pinturas, as fotografias apresentadas registraram cenas do cotidiano, relacionadas a trabalhos e interações sociais, e outras são apenas registro de pessoas. Com essa fonte foi possível verificar tipos diferentes de adereços e das vestimentas, que se mostraram em conformidade com o que Prado (2019) verificou e como o anúncio da Casa do Mineiro Barateiro indicava, seguindo assim o padrão de roupa destinada aos cativos. Além disso, a qualidade da imagem não permite a observação de estampas ou, caso houvesse, impressão de símbolos nas peças.

3.4 PROCESSOS CRIMINAIS

A fim de considerar processos criminais como fonte para a pesquisa sobre materialidades corporais entre a população africana e afro-brasileira, escrava, liberta ou livre, no contexto da escravidão fluminense dos 1800s, foi escolhido o trabalho “Ouvi dizer de um vizinho”: Assim também se faz história. Banco de dados sobre escravidão e análise de processos crimes – Vassouras / RJ, Século XIX”, de Camilla Agostini (2019). Os dados demográficos que apresenta, junto a bancos de dados sobre o cotidiano rural na região, são relevantes para a compreensão da composição populacional da região de Vassouras, no Vale do Paraíba Sul-fluminense, região monocultora de café à época e relatos sobre vestimentas no cotidiano.

Além disso, fornece a referência de quem eram as pessoas que viviam em determinadas vizinhanças, o que aumenta as possibilidades interpretativas de dados sobre vestimentas e adereços. Com o auxílio de um índice temático criado a partir da leitura dos processos, foi possível uma aproximação a uma série de informações acerca das vestimentas, auxiliando o acesso a esse tipo de documento. Também foi considerada a averiguação do seu potencial de pesquisa sobre materialidades corporais cotidianas de grupos que, geralmente, não deixam seu legado registrado por escrito diretamente. Esse material permite, ainda, um contraponto de casos em contextos rurais em relação às fontes anteriores que tem maior ênfase em contextos urbanos. Para compreender a presença de africanos e afro-brasileiros na região de *plantation* de Vassouras será considerado, também, o trabalho “Café, escravidão e meio ambiente - o declínio de Vassouras na virada do século XIX”, de José Luis Petruccelli (1994).

3.4.1 COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA EM VASSOURAS NO SÉCULO XIX

Compreender a composição da população da região é necessário para interpretar nas informações encontradas sobre vestimentas, possíveis traços culturais específicos nas peças que podem ser relacionados ao local de origem de quem as usava. De acordo com Karash (2000, p.95), os fazendeiros de Vassouras utilizavam intermediários para buscar a mão de obra escrava no Rio de Janeiro quando esses associados realizavam a entrega das sacas:

Os intermediários que organizavam os comboios de escravos eram uma variedade de indivíduos, inclusive comissários. Como Stein mostrou em detalhes, os fazendeiros de Vassouras, na província do Rio de Janeiro, tinham seus agentes comerciais na corte⁶⁶. Várias vezes por ano mandavam suas tropas de mulas a Iguaçu ou ao Rio para entregar sacas de café aos seus comissários. Quando os comboios voltavam ao interior, os tropeiros conduziam mulas carregadas de alimentos e fileiras de escravos comprados pelos comissários do Rio. Nesse caso, os representantes dos fazendeiros eram diretamente responsáveis pela compra de escravos para seus clientes, mas não os acompanhavam ao interior. Os próprios homens de confiança do fazendeiro conduziam os escravos (Karash, 2000, p. 95).

Petruccelli (1994) assinala que o primeiro recenseamento em nível nacional, em 1872, mensura que a população de Vassouras era de 10.664 habitantes e que $\frac{3}{4}$ dessa população era escrava, o que equivale a 7.998 pessoas. Tal censo aponta que havia 6.103 negros na região e

que 9 em cada 10 indivíduos desse grupo estavam em condição de escravidão (Petrucelli, 1994).

Agostini (2019), a partir de uma amostra de 387 indivíduos escravos e ex-escravos no período de 1820 a 1870, observou uma grande mudança da composição da população negra em Vassouras da segunda para a primeira metade do século XIX – que a autora define como “população de africanos e afrodescendentes, escravos e libertos”. Na primeira metade do século XIX, os africanos representavam 74% do grupo e a brasileiros 25,7%; na segunda metade os africanos passam a representar apenas 24,5% da população, já os brasileiros, 75% dos integrantes.

Ainda de acordo com o trabalho, na primeira metade do século XIX a naturalidade mencionada com maior frequência eram as de origem da África, ocorrendo em 96% dos casos entre 1820 e 1840, em comparação aos 31% de especificação de indivíduos com naturalidade proveniente do Brasil (Agostini, 2019, p. 33). Assim sendo, neste período Vassouras possuía forte presença estrangeira, africana, com pessoas de origens diversas localidades.

Conforme destacado nos casos anteriores, a atividade laboral também pode influenciar na vestimenta. Entender o trabalho predominante entre os componentes do grupo, pode identificar a frequências de itens relacionados ao trabalho dessas pessoas. Agostini (2019) selecionou relatos nos quais constam a função de trabalho dos envolvidos no caso e com informação da naturalidade dos indivíduos, o que auxilia a refinar as informações e identificar as ocorrências materiais, contextualmente. Assim, as características encontradas nas vestimentas no meio rural foram serão comparadas com as fontes anteriores em contextos urbanos.

Ressaltando que o objetivo deste trabalho é de observar a viabilidade do estudo de materialidades associadas aos corpos de africanas e africanos e afro-brasileiras e afro-brasileiros, a partir do interesse de pesquisa arqueológica, através do mapeamento de possibilidades em diferentes fontes históricas que auxiliam nos processos interpretativos, confrontando, ainda, com as possibilidades das pesquisas arqueológicas mais tradicionais, com a recuperação de vestígios em escavações.

3.4.2 Processos criminais como possibilidade de estudo sobre vestimenta dos africanos e afro-brasileiros

O índice temático referido anteriormente inclui citações sobre vestimentas em relatos de processos criminais para a região de Vassouras, entre os anos de 1820 e 1880, com ênfase nas duas últimas décadas desse recorte, quando a monocultura do café viveu o seu auge no Vale do Paraíba Sul-fluminense. Destaca-se, a preferência por relatos onde informam a naturalidade do indivíduo que usava a roupa, bem como os que continham detalhes de cores e tecidos.

Neste sentido, foram observados 28 trechos de 9 processos com menções a roupas utilizadas por africanos/as e afro-brasileiros/as, contendo detalhes como naturalidade, cor da roupa e tecido. Cabe ressaltar que nos depoimentos dos processos criminais são encontradas vastas informações sobre interações sociais mais íntimas entre os envolvidos nos casos, que, em alguns casos, se relacionam com as vestimentas, à exemplo, um indivíduo presentear o outro com roupas.

O algodão foi o material mais citado nos processos, e, em vista das fontes anteriores, era o tipo de material destinado a fabricação de roupas de escravizados. Neste caso, entendendo que o algodão era matéria-prima de alguns tecidos, entende-se que uma peça descrita como de algodão, provavelmente, refere-se ao pano grosso usado para fazer sacarias ou roupas de escravizados (Prado, 2019). Neste sentido, o mesmo tecido utilizado para ensacar a colheita era utilizado para confeccionar roupas, e, considerando Vassouras uma área rural de *plantation*, poderiam também estar relacionados aos trabalhos da lavoura, pois os cativos a quem eram destinadas esse tipo de roupa, eram os que tinham trabalho fora do ambiente doméstico (Freyre, 1979), como também se pode notar em fotografias da época, em contextos rurais, que não foram consideradas para uma avaliação pormenor nesse trabalho, como as do fotógrafo brasileiro Marc Ferrez, entre outros.

Outro tecido mencionado nos depoimentos foi a chita, e está relacionado ao processo sobre o homicídio de um jovem escravizado na véspera de Natal ⁹. O cativo Fábio, crioulo, foi ferido por outro escravizado, Felisberto, e mesmo com atendimento médico foi a óbito. Ao retirarem a camisa de chita de algodão grosso, descobriram que por baixo o homem usava outra camisa de chita, mas com estampa de pintas verdes. Assim, optou por expor a camisa

⁹ (PC 116, 1875, p.24 apud Agostini, 2019)

mais simples de tecido grosso, colocando-a por cima e reservou a vida íntima uma camisa de com estampa de pinta verde.

Pelos relatos, Fábio tinha uma relação consolidada com os outros cativos por ser “filho da fazenda”¹⁰, diferente de Felisberto, comprado um ano antes do delito. Os fatos narrados impulsionam à reflexão, sobre como Fábio havia adquirido a camisa de chita: teria a peça um valor emocional e, por isso, utilizasse a camisa de forma resguardada, ou o fato de ser véspera de festividade o fez escolher usar uma peça diferente. As possibilidades são muitas.

Outro trecho que chama atenção é referente ao processo em que três homens mataram um outro homem, possivelmente, recém-chegado em uma venda. A testemunha descreve que a possível vítima, um homem escravizado, estava vestido tão bem que parecia homem livre aos olhos dos seus companheiros de carteados¹¹. O que mostra, ainda, que os escravizados optavam por roupas de estética parecida com a dos senhores para terem acesso a lugares e práticas proibidas a pessoas em condição de escravidão.

O comentário da testemunha reforça a ideia de que utilizar roupas seguindo o padrão das classes mais altas, proporcionavam uma ascensão, e, por isso, alguns escravizados recorriam ao processo de ladinização. Os relatos do caso mostram uma densa rede de relacionamentos entre brancos, negros livres, negros escravizados, caixeiros entre outros, cabendo considerar que algumas pessoas escravizadas em Vassouras, mesmo estando em um ambiente rural, poderiam se favorecer desses círculos sociais para adquirir vestimentas e adereços, inclusive através de apostas em jogo. Outro processo criminal que cabe atenção é referente ao assassinato do enfermeiro e Honorata. O enfermeiro da fazenda deu de presente à Honorata, escrava, dois cortes de vestido e/ou duas saias de chita. Assim como o caso supracitado, revela interações interpessoais e o uso e aquisição de peças.

Os episódios analisados demonstram o potencial interpretativo que as descrições dos processos criminais podem fornecer. Esses depoimentos são repletos de sentimentos empregados nas impressões e pontos de vistas diferentes que possibilitam uma ampla visão do cotidiano do local. Os detalhes são tantos que possibilitam a construção de um mapa mental dos locais e espaços de circulação dos personagens, o que torna propício a elaboração de argumentos quanto a relação entre a materialidade, os indivíduos e aquela sociedade,

¹⁰ (PC 116, 1875, p.24 apud Agostini, 2019)

¹¹ (PC 046, 1853, p.41 apud Agostini, 2019)

auxiliando sobremaneira também as pesquisas arqueológicas que têm a dimensão contextual como chave interpretativa.

Todavia, é necessário considerar que tais declarações estão sujeitas a influência do narrador e a circunstância em que foi registrada, em uma delegacia de polícia. As histórias contadas por testemunhas partem do ponto de vista de cada depoente, e contém as impressões pessoas sobre as pessoas envolvidas nos casos, em relatos sobre o diz-que-me-disse em determinada vizinhança.

No caso do assassinato, de Honorata (naturalidade não identificada) e o enfermeiro, descrito como de cor parda, uma testemunha conta que a cativa Honorata recebeu de agradecimento por cuidar de um pássaro, duas saias de chita, do enfermeiro. Outra informa que na verdade foram dois cortes de vestido. Assim, comparando os dois relatos pode-se ponderar que Honorata recebeu cortes de tecido para fazer dois vestidos, considerando a forma diferente que foi comunicado o presente recebido quando mencionadas as saias e o vestido. Compreende-se que o fato pode ser apenas por variação na forma de falar. Entretanto cabe a reflexão, pois isso indicaria que os cativos que viviam em senzalas nas fazendas também poderiam produzir as próprias vestes.

Através das ponderações acima, entende-se que existem inúmeras possibilidades de interpretações a partir das informações fornecidas nos depoimentos. O caráter descritivo do documento revela não só informações acerca das materialidades, como também de relações íntimas que podem ser conectadas a elas. Os processos criminais são fontes ainda mais promissora se relacionadas a documentos iconográficos e de jornais, dando ao pesquisador uma série de informações que podem se complementar.

Combinando ao anúncio da Casa do Mineiro (figura 5), apresentado no subcapítulo 3.3, percebe-se não só a forte presença do uso de algodão grosso, mas, também, de chita pelos cativos. No segundo caso, mais provavelmente de sua escolha ou agrado. Fica evidente também que a padronização por tecido e modelo, ocasionada pelo oferecimento de roupas prontas (Prado, 2019), não foi um impeditivo para a aquisição e produção de vestimentas e adornos pelos escravizados.

Ressalta-se, que há dificuldade de compreender a linguagem empregada em alguns, dos relatos, mas, principalmente, no entendimento do que é peça e o que é tecido, visto que algumas palavras mudaram a grafia, e outras não são mais utilizadas. Um exemplo é o caso do

processo criminal que escreve camisa de riscado mescula e japona de baetão¹². Por tratar-se de um tipo de agasalho, acreditava-se ser um tipo tecido grosso, o que foi confirmado com o glossário de Costa (2004), que o define como tecido de pano muito grosso ou cobertor de lã.

Apesar dos diferentes tipos de tecido, possivelmente, a matéria-prima da maioria deles era o algodão, utilizado na fabricação de muitos tipos de tecidos, diferenciados pelas técnicas de manufatura. Um exemplo claro é a diferença entre chita e musselina, ambos podem ser fabricados com algodão, entretanto, a musselina concerne em um tecido “muito fino, leve, claro e delicado” (COSTA, 2004, p. 152), enquanto a chita mostra-se um tecido mais rijo e áspero.

Observou-se que enquanto as fontes iconográficas fornecem um registro visual essencial para a compreensão de como as peças eram incorporadas no vestuário, as fontes escritas, anúncios de fugidos e encontrados e processos criminais, oferecem registro detalhados caracterizando os sujeitos de uma forma mais detalhada. Desta forma, o anúncio de loja, Casa do Mineiro Barateiro, mostra o potencial deste tipo de documento para a compreensão geral do contexto daquela sociedade no que envolvia os cativos.

Pelo estudo dos processos criminais, apesar da grande quantidade descritiva dos textos, só foi possível ter indícios da ligação de roupas e adereços e relações íntimas, mas não foi possível identificar a objetos que usados por indivíduos como forma de manifestação de sua individualidade. Desta forma, foi possível apenas verificar variedades na forma de se vestir dentro dos padrões estabelecidos, mas não foi possível coletar informações que possibilitem um estudo aprofundado da manifestação pessoal dos indivíduos através das informações obtidas das fontes.

4. QUANTIFICAÇÃO E TRIAGEM DE INFORMAÇÕES

Diante das informações coletadas pode-se compreender que as fontes acima mencionadas fornecem vasta quantidade de informações que por vezes se repetem, dessa forma foi montado um índice temático (Anexo 1), bem como um quadro de informações

¹² 077, de 1877 apud Agostini 2019

(Anexo 2), vislumbrando quantificar, organizar e separar as ocorrências mais relevantes para a montagem da pesquisa.

4.1 TABELA DE INFORMAÇÕES

As informações no quadro (Anexo 2), foram separadas em: nome da obra; materialidade identificada, subdividida em – camisa, calça, vestido, sapato, chapéus, pano-da-costa, juponas e similares e adereços diversos; naturalidade da pessoa referida; situação laboral; autor / identificação de acervo / ano. A tabela ajuda a visualizar as diferentes materialidades: 1) associadas a pessoas através das colunas de naturalidade da pessoa referida e situação laboral; 2) associada a contextos específicos, que o título do documento ou tipo de fonte sugere; e 3) Qualidade da informação que cada tipo de fonte fornece.

Como mencionado anteriormente, os acervos foram consultados com o auxílio da internet, documentos digitalizados e publicados na Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional; Acervo Biblioteca Nacional - Brasileira Iconográfica; Acervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles – Brasileira Iconográfica; e Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira - Itaú cultural. Em vista das numerosas fontes disponíveis para consulta, entende-se a necessidade de organizar as informações de modo que seja possível uma consulta rápida e direta das principais informações pertinentes para análise. Além disso, com a riqueza de informações que constam nos documentos, foi necessário organizar, filtrar e extrair os dados para posterior análise e cruzamento de informação entre as fontes (Agostini, 2009).

Para além de identificação da fonte, a escolha por acrescentar na tabela o espaço “Nome da Obra” auxilia com uma referência do intuito do autor sobre a obra, bem como por ser uma referência genérica do contexto da informação, visto a tendência de intitular as obras com elementos focais do tema e/ou presentes no cenário. Deve-se salientar que essa questão não é absoluta, os títulos podem ser irônicos e contraditórios, mas ainda sim fazem parte da leitura do documento. No caso dos relatos de processos crimes, o título serviu para identificar os diferentes relatos das pessoas arroladas nos processos, o que facilitou a compreender quando havia mais de uma pessoa africana ou afro-brasileira envolvida, e quando havia diferentes depoimentos, além de já indicar que a informação está associada ao trâmite de um processo judicial.

O campo “materialidade identificada” foi subdividido em 8 campos, em que estão elencadas as peças do vestuário e adereços identificados nas fontes apresentadas neste trabalho, com um campo específico para cada materialidade onde foram descritos os detalhes da peça. Assim, tornou-se possível ter uma visão geral das roupas e adornos que mais se repetem, facilitando a comparação das informações encontradas no contexto dos documentos. Esse comparativo viabiliza a identificação do que era mais comum para o uso dos africano/as e afro-brasileiro/as e o que não era comum, e ao cruzar com as outras informações da tabela, a possibilidade de verificar as roupas e adereços de uso mais comum associadas a ocupações laborais.

Outro campo acrescentado em atenção as observações feitas ao longo do trabalho foi “naturalidade dos escravizados”, o qual ampara a investigação quanto as peças possivelmente relacionadas a naturalidade dos personagens, e a escolha por preservarem ligações com referências culturais em diálogo com uma cultura amplamente propagada no local em que ocupava/vivia. Além disso, fazer uma aproximação a processos de ladinização em paralelo à preservação de manifestações estéticas afro-orientadas, na criação da experiência de africano/as e afro-brasileiro/as no contexto da escravidão no Rio de Janeiro oitocentista.

Quando pensado na parcela da população africana e afro-brasileira, em condição de escravidão, a vida dessas pessoas era atravessada pelo trabalho subjugado, ao ponto em que, dependendo da atividade desempenhada poderiam conviver mais ou menos com outras pessoas escravizadas ou senhores. Para entender essa dinâmica, deve ser considerada além da situação laboral - doméstico ou os trabalhos externos a casa - e, ainda, se a pessoa vivia em espaço urbano ou rural.

No contexto urbano, os cativos que trabalhavam com ganho tinham uma grande rede de contato por desempenhar uma atividade na rua. Este tipo de tarefa proporcionava contato com clientes que poderiam ser livres, libertos e escravizados. Já os que desempenhavam o trabalho doméstico, tinham mais convivências com as senhoras e senhores, e com outras pessoas escravizadas ou funcionários que trabalhavam neste ambiente.

No ambiente rural, a dinâmica ocorria de forma diferente ao ambiente urbano. Para os que desempenhavam tarefas no campo, as senzalas eram os espaços de contato e convívio, tanto com outras pessoas escravizadas. Por estarem sob rígida e constante vigilância do feitor, durante as tarefas na lavoura, o momento não era propício a interações pessoais. Já os que

desempenhavam trabalhos domésticos, tinham mais contato com os senhores e, possivelmente, mais chances de se relacionar com pessoas de fora do ambiente doméstico ao desempenhar trabalhos externos. Assim, pelos fatos mencionados, optou-se por acrescentar o campo “Situação Laboral”.

A última coluna foi destinada para o preenchimento das informações “Autor”, “Identificação De Acervo” e “Ano”. O campo “autor”, foi acrescentado a partir da percepção de que é importante compreender o ponto de referência do qual o relato saiu, de modo a entender o repertório de quem produziu os documentos. Neste caso, para os anúncios de jornal, o autor considerado foi o autor do anúncio, o senhor ou senhora de escravos, e por isso o campo encontra-se vazio, pois não foi possível identificá-los. Para a localização dos locais onde foram adquiridas as fontes, foi adicionada a informação “identificação de acervo”. Já o campo “Ano”, relaciona-se ao recorte temporal, de modo que possa delimitar o período estudado, e para que possa ser ponderado quanto ao impacto dos costumes da época da sociedade relacionada as peças tiveram sobre a materialidade e os personagens a elas conectados.

Através do quadro é possível considerar também que mesmo com o passar dos anos, ao longo do século XIX, parece ter havido pouca mudança na expressão estética nas vestimentas para os escravizados, algo para ser melhor avaliado com amostras circunscritas temporalmente, em comparação. No material analisado nesse trabalho, as roupas identificadas se mantiveram com cores similares, azul e vermelho, de tecidos de algodão, lisas ou com padrões de desenho de listras/riscado, com casos de estampas variadas e pintas. Nessa mesma observação, notou-se que não havia muitas referências a modelagem da peça, fato que impossibilita ponderações quanto a essa mudança na nas formas de vestir, a não ser pelo uso do pano-da-costa, retratado com frequência com muitas formas de usar.

De acordo com as fontes selecionadas, foi possível notar como a política de homogeneizar a população escravizada por parte das forças senhoriais (Reis e Silva, 1989), repercutia nos corpos escravizados. No entanto, com atenção ao repertório apresentado pelas fontes, nota-se que apesar da recorrência do “algodão ordinário”, não eram todos que se vestiam com esse tecido de algodão grosso branco, mas também de outros tecidos provenientes do algodão.

Observou-se que, nas fontes selecionadas, os indivíduos negros ou negras (cativos ou não) que realizavam tarefas domésticas e os que andavam nas ruas junto aos senhores, como cocheiros, utilizavam vestes mais próximas a estética europeia do que os que desempenhavam trabalhos externos, o que só foi identificado em outro caso com a vendedora representada na figura 4. O cocheiro que foi identificado na figura 1, aparece calçado com uma bota e carrega um chapéu com bastante detalhes e usa paletó. Os companheiros de cena (sem especificação de trabalho, descritos apenas como “negros de uma casa rica” ou criados), aparecem homens e mulheres calçados com sapatos de sola fina e meias brancas, os homens carregam chapéus, utilizam jabot na gola (adereço de babado usado no pescoço) e paletós; as mulheres aparecem com leques, vestidos bordados, brincos, tiaras, colares e pulseiras.

Assim, a construção e entendimento de nova interpretação do objeto a partir da interligação das fontes acabam por fazer com que elas se complementem e, por vezes, consolidem informações umas das outras. Com os dados levantados foi possível reconhecer pela aproximação entre iconografias e relatos escritos, que os africanos e afro-brasileiros submetidos a escravidão tinham redes de relacionamentos que viabilizavam a aquisição de bens, incluindo vestuário. Isto foi notado ao correlacionar as cenas de escravizados comprando de outros da figura 3 e figura 10, na interação entre os dois homens retratados na figura 12 e novamente notado no processo crime em que o enfermeiro dá a Honória dois cortes de vestido ¹³

4.2 Índice temático

Diante das fontes históricas estudadas nesse trabalho, observou-se que há incontáveis combinações de informações que possibilitam muitas interpretações possíveis. Assim, com inspiração na aplicação de índice temático em (Agostini, 2019), foi elaborado um índice temático, que se encontra no Anexo 1, composto por trechos de relatos escritos nas fontes arroladas, a fim de auxiliar a identificação da situação em estavam sendo utilizados as roupas e adereços observados nas fontes.

Pelo fato da identificação de detalhes em relatos escritos, que não puderam ser verificados apenas com a observação das imagens, dessa forma houve a necessidade de listar separadamente esse tipo de fonte, de forma organizada. Deste modo, o critério para definir o

¹³ (PC 078, 1876 apud Agostini, 2019)

índice foi elencar as repetições de tipos de tecidos; partes da vestimenta; e os adereços (itens como brincos, lenços e panos), destacando somente o trecho com referência ao uso desses objetos. Assim, é rapidamente localizado através do índice temático em quais documentos foram identificados determinados tipos de tecidos, estampas, cores e adereços ou como foram representados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou abordar vestimentas de escravizados no Rio de Janeiro do século XIX, materialidades ainda poucos estudadas no campo da arqueologia histórica no Brasil, em função da dificuldade de preservação dos materiais e, conseqüentemente, dificilmente preservados em sítios arqueológicos (Symanski e Souza, 2007). Essas materialidades oferecem uma gama de informações com potencial de estudo no âmbito da Arqueologia interpretativa (ou pós-processual), que tem interesse pela compreensão de significados atribuídos às peças e ornamentos, bem como sua relação com os indivíduos da sociedade de outrora, que o estudo das fontes históricas permite aprofundar.

Percebeu-se que as vestimentas podem ser relacionadas a vários campos da vida de pessoa africanas e afro-brasileiras no Rio de Janeiro oitocentista. Essa diversidade oferece possibilidades interpretativas em diferentes linhas no âmbito da arqueologia histórica, como o estudo da produção em grande quantidade de roupas padronizadas destinadas a escravizados (Prado, 2019) pode ser pesquisada à luz de uma arqueologia do capitalismo. A relação entre referências culturais, modos de vida e situação laboral na experiência cotidiana das relações sociais podem ser abordadas a partir do diálogo da arqueologia com a micro-história italiana e a história social; a relação das mulheres e homens com determinado tipo de peça e estética, pode ser investigada pelo ponto de vista da arqueologia de gênero; o vestuário infantil pode ser abordado pela arqueologia da infância, e assim por diante.

Foram separados 4 tipos de documentos históricos considerados adequados para o levantamento de possibilidades interpretativas sobre materialidades: pintura, fotografia, anúncios em periódicos e processos criminais. Com o estudo desenvolvido ao longo deste trabalho, constatou-se que cada uma das fontes apresentam um enorme leque de possibilidade de interpretação e o cruzamento delas (Agostini, 2009), as quais dialogam com outras áreas de conhecimento, mas, principalmente, com a história social e micro-história, sem que perca seu olhar para as materialidades e miudezas do cotidiano partir da perspectiva do pensamento arqueológico, seja porque a busca se faz a partir desse, seja por que esse estudo visa contribuir para pesquisas arqueológicas com escavações que venham a ser realizadas em contextos bem definidos, em ambientes urbanos ou rurais.

Neste trabalho, optou-se por explorar as possibilidades de manifestação da individualidade dessas pessoas a partir do vestuário que usavam e da relação com as peças, utilizando de uma abordagem da Arqueologia interpretativa, o que se entendeu pertinente ao

tipo de materialidade, objetivo almejado e fonte utilizada, e em função de sua perspectiva social e interpretativa. Considerando o mapeamento de fontes e as observações feitas, não foi possível identificar manifestações da individualidade através das vestimentas e adereços, como se pretendia no início dessa pesquisa. Também não foi identificado nos processos criminais, relacionar peças a naturalidade dos personagens, como se pretendia.

Este trabalho não buscou apresentar interpretações definitivas sobre essas materialidades, isso não seria possível com um recorte tão abrangente, mas compreender os caminhos possíveis para a interpretação de escolhas de vestuário daquelas pessoas, averiguando as fontes tradicionalmente reconhecidas como históricas, seja para favorecer futuras pesquisas arqueológicas decorrentes de escavação, ou para levar o olhar arqueológico a outros domínios empíricos auxiliando na tarefa interpretativa. É importante ressaltar que estudar as vestimentas não objetiva falar somente dos aspectos físicos das peças, mas sim compreender o contexto em que era utilizada, da relação criada entre as pessoas e esses objetos, nos quais imprimiam sua personalidade, emoção e resistência.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Camilla. *Resistência Cultural E Reconstrução De Identidades: Um Olhar Sobre A Cultura Material De Escravos Do Século XIX*. Revista De História Regional, [S. l.], v. 3, n. 2, 2007.

AGOSTINI, C. *À sombra da clandestinidade: práticas religiosas e encontro cultural no tempo do tráfico ilegal de escravos*. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 77–105, 2013. DOI: 10.31239/vtg.v7i1.10614. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11852>. Acesso em: 18 jul. 2024.

AGOSTINI, C. *Cultura material, memória e o lugar do outro na produção do conhecimento: histórias possíveis a partir do trabalho de campo da arqueologia*. 2015. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

AGOSTINI, Camilla. “Ouvi dizer de um vizinho ”: assim também se faz história. *Banco de dados sobre escravidão e análise de processos crimes – Vassouras / RJ, século XIX*. Niterói: LABHOI, 2019.

AGOSTINI, C.; PINHEIRO, F. “Arqueologia do Mundo Moderno” e multiperspectivismo na abordagem sobre escravidão no Atlântico Sul. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 247–269, 2021. DOI: 10.31239/vtg.v15i2.26418. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/26418>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ALARCAO, J. DE. *A arqueologia contextualista*. Máthesis, n. 6, p. 11-32, 1 jan. 1997.

ANDRADE, João Paulo Motta de. *O Desenvolvimento Da Atividade Cafeeira No Vale Do Paraíba Fluminense De 1850 A 1888*. Rio de Janeiro, 2011. Monografia – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ARAÚJO, Marli Gomes de; MARCICANO, João Paulo Pereira; HELD, Maria Sílvia Barros de. *A obra de Jean-Baptiste Debret como fonte histórica para os estudos dos trajes usados no Brasil no início do século XIX*. Brasil: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 74, p. 270-301, 2019.

BEAUDRY, Mary C. *Above vulgar economy: the intersection of historical archaeology and microhistory in writing archaeological biographies of two New England merchants*. In:

Brooks, J. F. et al. (ed.). *Small Worlds: method, meaning and narratives in microhistory*. Santa Fé: School for advanced research press, p. 173-198, 2008.

BEAUDRY, Mary C.; COOK, Lauren J.; Mrozowski, Stephen A. *Artefatos e vozes ativas: cultura material como discurso social*. *Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, p. 72–114 , 2017.

BROOKS, J. F.; DECORSE, C. R. *Small Worlds: Place, Event, and Narrative Craft: Method and Meaning in Microhistory*. Walton, John (Ed.) Santa Fe: School of Advanced Research, 2008.

CARMO, Sura S.; VIEIRA, Flávia Cristina C. *Intersecções entre gênero, raça e trabalho: o vestir-se das negras de ganho no século XIX*. *Veredas da História*, v. 13, n. 2, p. 100-125, 2020.

CARVALHO, P. M. . *A travessia atlântica de árvores sagradas: estudos de paisagem e arqueologia em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT (e sua interface com a religiosidade afro-brasileira)*. São Paulo. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação em arqueologia, 2012.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

CORREIA, Ana Carolina P.; CORREIA, Francine Oliveira D. *Políticas culturais e a moda*. Salvador: Enecult, 2019.

DA COSTA, MANUELA PINTO. *Glossário de termos têxteis e afins*. Porto: Revista da Faculdade de Letras, I Série vol. III, p. 137-161, 2004.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins, v. 3, 1940.

DENIPOLI, Cláudio. *A cidade e as roupas. Moda e vestuário em imagens fotográficas*. Funari, Pedro Paulo de Abreu (Org.). *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP, p. 69-96, 1998.

DI BACO, H. M., BARROCÁ Faccio, N., & ROCHA LUZ, J. A. *Das raízes da pesquisa arqueológica a arqueologia processual: um esboço geral*. *Revista Tópos*, p. 206–233, 2013.

ESCOREL, Silvia. *Vestir poder e poder vestir: O tecido social e a trama cultural nas imagens do traje negro (Rio de Janeiro, século XVIII)*. Rio de Janeiro,. - Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

FEYERABEND, P. *Contra o método*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.

FREIRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

GINZBURG, C. *O fio e os rastros verdadeiro, falso, fictício*. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

GOMES, Flávio. *A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir dos registros eclesiásticos*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, p.81-106, 2012.

GRANGEIRO, Cândido Domingues. *As Artes De Um Negócio: No Mundo Da Técnica Fotográfica Do Século XIX*. São Paulo: Revista Brasileira de História, 1998.

JAPIASSÚ, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Imago, Rio de Janeiro, 1976.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LARA, Silvia H. *Sedas, panos e balangandãs: o traje de senhoras e escravas nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador (século XVIII)*. In: SILVA, Maria Bratriz Nizza da (Org.). *Brasil: colonização e escravidão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 178-191, 2000.

LEITE, Marcelo Eduardo. *Typos de pretos: escravos na fotografia de Christiano Jr*. Goiânia: Visualidades, v.9 n.1 p. 25-47, 2011.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarchia paulistana historica e genealogica*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1976. t.2, 293 p. (Biblioteca histórica paulista, 4)

LEONE, Mark Paul. *Uma arqueologia histórica do capitalismo*. Vestígios - Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica, 43–70, 2021.

LIMA, Tânia Andrade. *Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991)*. Rio de Janeiro: Estácio de Sá, 1993.

LIMA, Tânia Andrade. *Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites*. Estudos Ibero-Americanos, p. 7–23 2002.

LIMA, Tânia Andrade. *Los zapateros descalzos: arqueologia de una humillación em Rio de Janeiro del Siglo XIX*. In Félix A. Acuto y Andrés Zarankin (orgs.), *Sed non satiata II. Acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana*. Córdoba: Encuentro Grupo Editor, p. 35-57, 2008.

LIMA, Tania Andrade; SOUZA, Marcos Andre Torres de; SENE, Glaucia Malerba. *Weaving the Second Skin: Protection Against Evil Among the Valongo Slaves in Nineteenth-century Rio de Janeiro*. Journal of African Diaspora Archaeology & Heritage, v. 3, n. 2, p. 103-136, 2014.

MALHEIRO, Perdigão. *A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*. Petrópolis, Vozes/INL, 1976.

MATTOS, Hebe. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista (Brasil, século XIX)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 3ª ed, 2013.

MELO, Tadeu de Brito. *Paisagens negras: corpo, diáspora e pertencimento nas cidades brasileiras do século XIX*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

ORSER, Charles; FUNARI, Pedro. “*A pesquisa arqueológica inicial em Palmares*”, *Estudos Ibero-Americanos*, n. 18, 1992.

PETRUCCELLI, José Luis. *Café, escravidão e meio ambiente - o declínio de Vassouras na virada do século XIX*. Estudos Sociedade e Agricultura, p. 79-91 1994.

PRADO, Luís André do. *Indústria do vestuário e moda no Brasil, sec. XIX a 1960 - da cópia e adaptação à autonomização pelo simulacro*. 2019. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierre. - Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REIS, João José. *De escravo a rico liberto: a trajetória do africano manoel joaquim ricardo na bahia oitocentista*. rev. hist. (São Paulo), n. 174, p. 15-68, 2016.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11-32, 1989.

RIBEIRO, L. *Da praça à cozinha, passando pela sala de jantar: gênero, raça e classe na Pelotas do século XIX - e depois*. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 77–105, 2017. DOI: 10.31239/vtg.v11i2.10446. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11788>. Acesso em: 17 jul. 2024.

RIBEIRO, L. *María, Parvoa Exposta, Domingos, Padre Maculado. Ensaio de Arqueologia Micro Histórica*. Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 132–180, 2012. DOI: 10.31239/vtg.v6i2.10632. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11863>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SÁ, Renata de Góes Barbosa de. *A força de Mulheres e Miudezas: Estudo sobre práticas de consumo por mulheres negras na arqueologia da diáspora africana no Brasil*. Rio de Janeiro, 2021. Monografia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SANTOS, Nívea Alves. *Pano da Costa ou Alaká*. In Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC. *Pano da Costa*. Bahia. Governo do Estado. Secretaria de Cultura. IPAC.- Salvador : IPAC; Fundação Pedro Calmon, p. 17-44, 2009.

SANTOS, Isis Freitas dos. *“Gosta dessa baiana?” Crioulas e outras baianas nos cartões postais de Lindemann (1880-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) –Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SILVA, R. M. da. *“Iqhia: um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de turbantes por mulheres negras”*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Católica de São Paulo, área de concentração: Cultura e representação, 2020.

Slave Voyage, Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso: 19 Agosto 2024.

SOUZA, Patricia March de; Mattos, Ilmar Rohloff de. *Visualidade da escravidão: representações e práticas de vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro, 2011. Tese de Doutorado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SOUZA, Marcos André de. *Por uma arqueologia da criatividade: estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil*. In: AGOSTINI, Camilla (Org.). *Objetos da escravidão*, Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SOUZA, Patricia March de. *Visualidade da escravidão: representações e práticas de vestuário no cotidiano dos escravos na cidade do Rio de Janeiro oitocentista*. 2011. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2011.

SYMANSKI, Luís Cláudio. *A Arqueologia da Diáspora Africana Nos Estados Unidos e No Brasil: Problemáticas E Modelos*. 2014.

SYMANSKI, Luís Cláudio. *Arqueologia – Antropologia ou História? Origens e tendências de um debate epistemológico*. Pelotas: Tessituras, v. 2, n. 1, p.10-39, 2014, .

SYMANSKI, Luís Cláudio. *Ao Domínio Da Tática Práticas Religiosas De Origem Africana Nos Engenhos De Chapada Dos Guimarães (Mt)*. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, p. 9-36 2007.

SYMANSKI, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. *Arqueologia da escravidão em fazendas jesuíticas: primeiras notícias da pesquisa*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.309-317.

SYMANSKI Luís Cláudio, SOUZA Marcos André de. *O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. p. 215-43, 2007.

SLENS, Robert. *Na Senzala uma Flor: Esperanças na Formação da Família Escrava*. Brasil Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SUGUIMATSU, Isabela Cristina. *Atrás dos panos: vestuário, ornamentos e identidades escravas: Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes, século XIX*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2016.

TORRES, Heloísa Alberto. "*Alguns aspectos da indumentária da crioula baiana*". Tese apresentada ao concurso para provimento da Cadeira de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, 1950. Cadernos Pagu, p.413-467, 2004.

REFERÊNCIAS DAS ICONOGRAFIAS

DIVERS convois funébres. In: Acervo Biblioteca Nacional (Brasil). Rio de Janeiro: Brasileira Iconográfica, 2024. Disponível em:
<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17049/divers-convois-funebres>.

DOIS Escravos se Cumprimentando. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19851/dois-escravos-se-cumprimentando>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

ES CRAVA Vendedora Ambulante. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28652/escrava-vendedora-ambulante>. Acesso em: 23 de dezembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

ES CRAVA Vendedora de Frutas. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28657/escrava-vendedora-de-frutas>. Acesso em: 23 de dezembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

ES CRAVA Vendedora de Frutas. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28656/escrava-vendedora-de-frutas>.

ES CRAVO Confeccionando um Cesto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19848/escravo-confeccionando-um-cesto>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

ES CRAVA da Nação Africana Mina. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19854/escrava-da-nacao-africana-mina>. Acesso em: 28 de junho de 2024. Verbetes da Enciclopédia

LE COLLIER de fer. In: Acervo Biblioteca Nacional (Brasil). Rio de Janeiro: Brasiliana Iconográfica, 2024. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17200/le-collier-de-fer-chatiment-de-fugitifs>.

LE VIEILLARD convalescent. In: Coleção Brasiliana Itaú. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18745/le-vieillard-convalescent-une-dame-portee-en-cadeirinha-allant-a-la-messe>.

MARIAGE de nègres d'une maison riche. In: Acervo Biblioteca Nacional (Brasil). Rio de Janeiro: Brasiliana Iconográfica, 2024. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/17303/mariage-de-negres-d-une-maison-riche>.

PRETA de ballas. In: Acervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles. Rio de Janeiro: Brasiliana Iconográfica, 2024. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19172/no-21-preta-de-ballas>.

QUITANDEIRA. In: Acervo de Iconografia / Instituto Moreira Salles. Rio de Janeiro: Brasiliana Iconográfica, 2024. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/19167/no-9-quitandeira>.

RETRATO de Escrava. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19850/retrato-de-escrava>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

PERIÓDICO

Casa do Mineiro Barateiro. Jornal da Tarde. Rio de Janeiro, p 14 de fev., 1870. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/246875/128>. Acesso em: 27/08/2024.

ANEXO 1

ÍNDICE TEMÁTICO

Tecido

- **O Escravo Nos Anúncios De Jornais Brasileiros No Século XIX, Freire, 1979, p. 43:** [...] fugiam escravos de tanga de pano-da-costa, de baeta encarnada, de xale, de vestido de chita, de calças de estopa e até de roupa de casimira e chapéu-do-chile. Predominavam entre os homens as calças de estopa. Algumas negras fugiam de cabeça; outras de pano-da-costa atirado ao ombro [...].
- **Casa do mineiro Barateiro, Jornal da Tarde, edição 92,1870 - *palitós*** de alparca branca e preta e de brim, camisas de morim e de chita, juponas para escravos e camisa de baeta.
- **Indústria do vestuário e moda no Brasil, sec. XIX a 1960 - da cópia e adaptação à autonomização pelo simulacro, Prado, 2019, p. 136:** [...]“vestuário masculino predominante era composto pelo arranjo básico das peças calça e camisa, confeccionadas de algodão listrado, denominado riscado ou da cor azul”.³⁸² [...]. Já o vestuário feminino das escravas seria “basicamente composto por vestido, que poderia ser uma única peça, ou a composição de saia e camisa, de algodão ou zuarte estampados”.
- **PC 005, 1822, p.3 (vass 03): Pedro de Nação Benguela, Agostini, 2019, p. 183:** (...) vestido com uma camisa de algodão grosso algum tanto imunda de terra e uma ciroula do mesmo pano, rota nos joelhos, da mesma forma imunda
- **PC 046, 1853, p.24v (vass 03): AFB (ferreiro), Agostini, 2019, p. 183:** [...] terceiro de camisola de lã. (...).
- **PC 053, 1859, p.6 (vass 05): Corpo Delito (Ignácio, nat. Costa da África), Agostini, 2019, p. 182:** (...) dirigindo-se ao quarto da fazenda (...) o escravo deitado sobre couro e esteira em uma senzala situada no terreiro (...) bem como uma calça de algodão riscado (...).

- **PC 069, 1872, p.16 (vass 05): Autópsia (Antonio, crioulo - quilombola), Agostini, 2019, p. 182:** [...] vestido com camisa e calça de algodão branco americano (...).
- **PC 116, 1875, p.8 (vass 03): Corpo Delito (Fabio, Crioulo), Agostini, 2019, p. 183:** [...] vestido com uma camisa de algodão branco grossa, [...] tirada esta camisa de chita foi encontrada uma outra de chita de pintas verdes [...]
- **PC 078, 1876, p.4v (vass 03): Corpo Delito (Honorata), Agostini, 2019, p. 183:** [...] vestida com camisa de morim e saia de musselina já velha (...) e um lenço de chita em cassa [...].
- **PC 078, 1876, p.21 (vass 03): Termo de informação do crime, Agostini, 2019, p. 183:** [...] uma calça de casimira que lhe dava a Enéas (...).
- **PC 078, 1876, p.66 (vass 03): Emílio, Agostini, 2019, p. 183:** (...) Disse que LQ deu à Honorata duas saias de chita [...]
- **PC 077, 1877, p.19 (vass 02): Corpo Delito (Thomaz, nat. da BA), Agostini, 2019, p. 182:** (...) vestido de calça e camisa de riscado mescla e japona de baetão já usado.
- **PC 015, 1878, p.9 (vass 02): Corpo de Delito (Graciano, nat. Pernambuco), Agostini, 2019, p. 182:** (...) apresentava (...) a face e o peito da camisa que era de algodão mineiro (...)
- **PC 084, 1880, p.6 (vass 03): Corpo Delito (homem pardo desconhecido), Agostini, 2019, p. 184:** [...] vestindo de camisa de algodãozinho branco, com calça de algodão azul [...].

Cores

- **Casa do mineiro Barateiro, Jornal da Tarde, edição 92,1870:** *palitós* de alparca branca e preta e de brim, camisas de morim e de chita, japonas para escravos e camisa de baeta
- **Indústria do vestuário e moda no Brasil, sec. XIX a 1960 - da cópia e adaptação à autonomização pelo simulacro, Prado, 2019, p. 136:** [...] peças calça e camisa, confeccionadas de algodão listrado, denominado riscado ou da cor azul”.³⁸² [...].
- **PC 069, 1872, p.16 (vass 05): Autópsia (Antonio, crioulo - quilombola), Agostini, 2019, p. 182:** [...] vestido com camisa e calça de algodão branco americano (...)
- **PC 116, 1875, p.8 (vass 03): Corpo Delito (Fabio, Crioulo), Agostini, 2019, p. 183:** (...) de cor preta (...) vestido com uma camisa de algodão branco grossa, suja, (...) tirada esta camisa de chita foi encontrada uma outra de chita de pintas verdes.
- **PC 084, 1880, p.6 (vass 03), Agostini, 2019, p. 184: Corpo Delito (homem pardo desconhecido):** [...] vestindo de camisa de algodãozinho branco, com calça de algodão azul [...]

Estampas

- **Indústria do vestuário e moda no Brasil, sec. XIX a 1960 - da cópia e adaptação à autonomização pelo simulacro, Prado, 2019, p. 136:** [...] calça e camisa, confeccionadas de algodão listrado, denominado riscado [...] vestuário feminino das escravas seria “basicamente composto por vestido, que poderia ser uma única peça, ou a composição de saia e camisa, de algodão ou zuarte estampados”
- **PC 053, 1859, p.6 (vass 05), Agostini, 2019, p. 182:** [...] bem como uma calça de algodão riscado [...].
- **PC 116, 1875, p.8 (vass 03): Corpo Delito (Fabio, Crioulo), Agostini, 2019, p. 183:** [...] tirada esta camisa de chita foi encontrada uma outra de chita de pintas verdes [...].

- **PC 077, 1877, p.19 (vass 02): Corpo Delito (Thomaz, nat. da BA), Agostini, 2019, p. 182:** (...) vestido de calça e camisa de riscado mescula e japona de baetão já usado.

Adereços

- **O Escravo Nos Anúncios De Jornais Brasileiros No Século XIX, Freire, 1979, p. 43:** [...] fugiam escravos de tanga de pano-da-costa, de baeta encarnada, de xale, de vestido de chita, de calças de estopa e até de roupa de casimira e chapéu-do-chile. [...] Algumas negras fugiam de cabecão; outras de pano-da-costa atirado ao ombro ou trazendo "pano da Costa atirado como usam as Bahianas"[...] Mas numerosas angolas se apresentam de pano-da-costa.
- **O Escravo Nos Anúncios De Jornais Brasileiros No Século XIX, Freire, 1979, p.36.** Firmino, nação Congo, que em 1833 fugiu da Rua do Sabão, n.º 237, aqui no Rio, levou em uma orelha "huma argola com huma meia lua pendurada
- **PC 078, 1876, p.4v (vass 03): Corpo Delito (Honorata), Agostini, 2019, p. 183:** [...] lenço de chita em cassa, passando por baixo do [ilegível mento/meuto?] e atado no alto da cabeça [...].

ANEXO 2

Nome Da Obra	Materialidade Identificada								Naturalidade Da Pessoa Referida	Situação Laboral	Autor / Identificação De Acervo / Ano
	Camisa	Calça	Vestido (ou saia)	Sapato	Chapéu	Pano-Da-Costa	Japona, Paletó e Similares	Adereços Diversos			
Casamento de Negros de uma casa Rica (específico para o Padrinho)	Camisa branca	Presença de calça azul com listras vermelhas e brancas	-	Bota	Chapéu com adereço;	-	Paletó com listras brancas e vermelhas na gola	-	-	Padrinho - Cocheiro	Jean-Baptiste Debret; 1839; Acervo Biblioteca Nacional - Brasileira Iconográfica
Casamento de Negros de uma casa Rica (3 homens e mulheres 3 mulheres)	Não foi possível visualizar	Calças branca; Calça branca com riscas	Vestido amarelo com gola branca e detalhes vermelho; Vestidos brancos bordados, busto amarelos e verdes; busto rosa	Sapatos de solado fino, pretos e Brancos (noiva)	Chapéus simples	-	Paletó em cores laranja, azul e rosa	Jabot; Tiara de cabelo; Brinco; Pulseira; Meias;	-	-	Jean-Baptiste Debret, 1839 Acervo Biblioteca Nacional - Brasileira Iconográfica
O colar de ferro	Camisa vermelha; Blusa avermelhada	Calção azul e Calça laranja	Saia azul ; Vestido Branco e rosa com estampa de bolas vermelhas	Sem sapato	-	Pano ou xale acinzentado	-	Lenços torcido na cabeça; Lenço amarrado na cintura Brincos; Cordões	-	Vendedores de frutas, carregador de água (?), trabalho doméstico (?)	Jean-Baptiste Debret, 1839 Acervo Biblioteca Nacional - Brasileira Iconográfica

Preta de Ballas	-	-	Vestido branco com babado na barra da saia armada	Sapato vermelho	-	-	-	Pano torcido na cabeça, brinco vermelho	-	Venda de balas	Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, 1840-1841 Coleção Brasilianas - Instituto Moreira Salles
Quitandeira	Não foi possível visualizar	-	Saia azul	Sem sapato	-	pano-da-costa branco listrado	-	-	-	Venda	Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive, 1840-1841 Coleção Brasilianas - Instituto Moreira Salles
-	Camisas de morim, chita, baeta	-	-	Sem sapato	-	-	Paletó de alparca e brim; Japona	-	-	-	Casa do mineiro Barateiro, 1870 Biblioteca Nacional - Hemeroteca Digital
Escrava Vendedora de Frutas	Camisa com detalhe central	-	Saia com babado na barra	Sem sapato	-	Pano da costa listrado	-	Pano torcido na cabeça; Brinco; Pulseira	Mina (imagem de apoio)	Venda de frutas	José Christiano Júnior, 1865 Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira - Itaú Cultural

Retrato de Escrava	-	-	Saia com babado na barra	Não foi possível identificar	-	Pano-da-costa listrado	-	Pulseira; torço/turbante (?)	-	-	José Christiano Júnior, 1865 Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira -Itaú Cultural
Escrava Vendedora de Frutas	Camisa com detalhe central	-	Saia com babado na barra	Sem sapato	-	Pano-da-costa listrado	-	Pano torcido na cabeça ou torço/turbante (?); pulseira; brinco	Mina (imagem de apoio)	Vendedora de fruta	José Christiano Júnior, 1865 Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira -Itaú Cultural
Escrava Vendedora Ambulante	Não foi possível verificar	-	Saia estampada	Sem sapato		Xale ou pano-da-costa	-	-	-	Vendedora	José Christiano Júnior, 1865 Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira -Itaú Cultural
Escravo Confeccionando um Cesto	Camisa	Calça	-	Sem sapato	Chapéu de pano	Lenço no pescoço	-	Pano na cabeça	-	Possível Artesão (cestaria) e/ou vendedor (?)	José Christiano Júnior, 1865 Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira -Itaú Cultural
Dois Escravos se Cumprimendo	Camisa branca	Calça	-	Sem sapato	Chapéu de pano; Chapéu estruturado	-	Paletó	-	-	-	José Christiano Júnior, 1865 Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura

											Brasileira -Itaú Cultural
Processo Criminal 005, 1822	Camisa de algodão grosso	Ciroula algodão grosso	-	Sem sapato	-	-	-	-	Cambinda	-	Pedro de Nação Benguela, 1822 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 046, 1853	Camisa; Camisola de lã	-	-	Sem sapato	-	-	-	-	Luanda; Minas Gerais / Santa Luiza	-	AFB (ferreiro), 1853 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 053, 1859	-	Calça de algodão riscado	-	Sem sapato	-	-	-	-	Costa da África	-	Autor não identificado, 1859 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 069, 1872	Camisa algodão branco americano	Calça de algodão branco americano	-	Sem sapato	-	-	-	-	Pernambuco	Carreiro	Autor não identificado, 1872 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)

Processo Criminal 116, 1875	Camisa de algodão branco grossa; Camisa chita de pintas verdes	-	-	Sem sapato	-	-	-	-	-	-	Autor não identificado, 1875 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 078, 1876	Camisa de morim	Calça de casimira	Saia de musselina	Sem sapato	-	-	-	Lenço de chita passado na cabeça; Dois cortes de vestido	Julião (réu) - Bahia	-	Emília e Emílio, 1876 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 077, 1877	Camisa de riscado mescla;	-	Vestido de calça	Sem sapato	-	-	Japona de baetão	-	Thomaz (réu) - Bahia	-	Autor não identificado, 1877 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 015, 1878	Camisa que era de algodão mineiro	-	-	Sem sapato	-	-	-	-	Graciano - Pernambuco	-	Autor não identificado, 1877 Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
Processo Criminal 084, 1880	-	-	-	Sem sapato	-	-	Japona	-	-	-	MJB (marceneiro), 1880

											Centro de Documentação Histórica - Agostini (2019)
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--